

IV CONGRESSO DE ESTUDOS ÁRABES E ISLÂMICOS
COIMBRA - LISBOA, 1 A 8 DE SETEMBRO DE 1968

26

ASPECTOS DA PRESENÇA ÁRABE
NO «ITINERÁRIO DA TERRA SANTA»
DE FR. PANTALEÃO DE AVEIRO

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES
Universidade de Coimbra

LEIDEN
E. J. BRILL
1971

Separata das
Actas do IV Congresso de Estudos Árabes e Islâmicos

Composto e impresso na «Imprensa de Coimbra, L.da»
Largo de S. Salvador, 1 a 5 — COIMBRA

ASPECTOS DA PRESENÇA ÁRABE NO «ITINERÁRIO DA TERRA SANTA» DE FR. PANTALEÃO DE AVEIRO

MANUEL AUGUSTO RODRIGUES
Universidade de Coimbra

INTRODUÇÃO

Fr. Pantaleão de Aveiro, monge franciscano da província dos Algarves, visitou a Palestina em data que não podemos precisar, integrado numa peregrinação de sessenta religiosos da sua Ordem, dirigida por Fr. Bonifácio de Ragusa (1).

Sabemos que saíu de Lisboa em 1561. Fixou-se depois em Roma durante algum tempo e esteve em Trento onde decorriam os trabalhos da 3.^a fase do Concílio. Ali contactou com Fr. Luís de Sotomaior, ilustre exegeta dominicano, professor de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra de 1567 a 1589 (2).

(1) Acerca da vida de Fr. Pantaleão de Aveiro pouco sabemos. Os Cronistas da sua Ordem fazem poucas referências à sua pessoa. Só Fr. Jerónimo de Belém no Prólogo da *Crónica Seráfica da santa província dos Algarves* lhe dedica algumas linhas: é «filho desta província. Indo aos santos lugares de Jerusalém, adquiriu tão boa notícia daqueles santuários que por escripto nos quis deixar memória do que viu e examinou, à custa da sua boa diligência, compondo *Itinerário da Terra Santa*. É muito louvada esta obra dos escritores domésticos e estrangeiros». A propósito, cita a *Biblioteca Franciscana*, de que é autor Fr. João de Santo António. Nem mesmo na *Crónica da Síria e Terra Santa* que fala de Fr. Bonifácio Ragusa, em cuja comitiva viajou Fr. Pantaleão, se fala do nosso autor. Cfr. BARBOSA MACHADO, t. III, p. 510 e INOCÊNCIO, t. VI, pp. 336-337.

(2) É a seguinte a referência a Fr. Luís de Sotomaior feita por Fr. Pantaleão: «Lembra-me que achando-se em Venesa ao tempo da minha embarcação para a Terra Santa hum venerando e doutíssimo Padre da Ordem de S. Domingos, por

Fr. Pantaleão embarcou em Veneza a caminho da Terra Santa em data que desconhecemos. Fez escala em Corfu, Creta e Chipre, tendo chegado finalmente a Jafo, donde se dirigiu para Jerusalém.

Foi este o itinerário seguido por Fr. Pantaleão na sua visita aos lugares santos: Jafo, Ramá, Anatote, Jerusalém, Betânia, Belém, Hebron, Mosteiro de S. Sabas, Jericó, Rio Jordão, Monte Nebo, Mar Morto, (Belém), Silo, Emaús, Sicar, Caná da Galileia, Mar Tiberíades, Dotain, Ponte de Jacob, Sabeto, Nazaré, Damasco, Beirute, Tiro, Sidónia, Trípoli e Monte Líbano. Em Trípoli tomou o barco que, por Chipre, o havia de conduzir a França.

Não sabemos também quanto tempo se demorou na Palestina. Por uma informação que nos dá a certa altura da sua obra, podemos concluir que não foi mais de três anos. Diz que teve uma licença especial do Padre Geral para poder regressar quando quisesse, não estando obrigado a permanecer apenas três anos na Terra Santa como acontecia habitualmente com os frades de S. Francisco. Contudo, e é ele quem no-lo afirma, visitou os lugares santos com muita liberdade, havendo mesmo alguns aos quais foi mais do que uma vez: «qual (licença) levando-a secretamente, manifestei o tempo que vi ser necessário a minha espiritual consolação, pelo que não estive o tempo limitado destes anos, ainda que com a liberdade, vi mais da Terra Santa que outros que nela estiveram mais tempo» (3).

A Ordem franciscana possuía e tinha a seu cargo desde o tempo das Cruzadas a maior parte dos lugares santos, contando com cerca de 22 casas, entre conventos e hospícios em toda a Palestina e outras regiões do Médio Oriente. Esta informação encontramos-la já, por exemplo, em Fr. Francisco de Sant'Iago (*Relação Summária dos lugares santos de Jerusalem*, Lisboa, 1706): a Ordem franciscana «possuía e tinha a seu cargo aqueles santos lugares de Jerusalem e os mais da Terra Santa, em que foi obrada a nossa Redempção por Jesus Cristo, Senhor nosso». E acrescenta que são os franciscanos entre os filhos da Igreja aqueles que são «mais bem recebidos ou menos odiosos aos turcos, senhores daquelas terras».

nome Frei Luis de Souto Maior, o qual sendo em Lovaina Leitor, foi mandado ir ao sagrado Concílio de Trento por parte do nosso Rei Dom Sebastião, e despedindo-se de mim, me pediu que trazendo-me Nosso Senhor a Portugal, que não queria que lhe trouxesse outras relíquias, senão qualquer pequena de terra ou pedra, da que achasse nas ruas ou caminhos públicos, crendo firmemente que toda aquella terra até o abismo estava santificada, por ter andado sobre ella nosso Senhor Jesu Christo: palavras por certo dignas de tal varão» (C. XII, p. 307).

(3) C. XX, pp. 101-102.

Eram as seguintes as casas que os Franciscanos possuíam no Próximo Oriente: 2 conventos em Jerusalém, 1 em Belém, nas montanhas da Judeia, em Nazaré, em Damasco, em Alepo, em Escandarona, em Trípoli, em Sidónia, em Grão Polemiada, em Ramá, em Damiata, em Alexandria, em Rozeto, em Grão Cairo, em Fiumigino, em Arnica, em Nicósia, etc. Estas as mais importantes.

O mesmo autor, contudo, refere-se frequentemente às dificuldades que os frades franciscanos encontravam naquelas paragens especialmente por parte dos turcos e dos árabes (4).

O *Itinerário* que escreveu depois do seu regresso a Portugal obteve aprovação régia em 1583 e é dedicado ao arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro.

No prefácio, diz a razão que o levou a compor a obra. Vira que muitos peregrinos escreviam as memórias das suas viagens, em que relatavam os trabalhos, perigos e lugares que visitaram na Terra Santa. Por isso, também ele pensou fazer o mesmo para espiritual consolação e particular gosto, e para refrescar a memória mais tarde, lendo o que antes escrevera.

Ao lado doutros romeiros portugueses que igualmente escreveram sobre a Terra Santa, como o cónego de Viseu, Jorge Henriques, o Padre Francisco Guerreiro, Fr. António Taveira, e Fr. João de Jesus Cristo, Fr. Pantaleão revela-se sem dúvida o mais importante de todos. Como escreve António Baião: «A verdade, porém, é que nenhuma destas se compara na vernaculidade, na singeleza, na observação e no interesse, com a obra que agora reeditamos (refere-se à de Fr. Pantaleão)» (5).

Homem de muita piedade e dotado de um espírito de observação muito perspicaz, manifesta ao longo da obra conhecer bem a história e a topografia dos lugares que descreve, preocupando-se sempre com todos os pormenores dignos de nota. Sabe situar-se admiravelmente

(4) A dominação otomana na Palestina começara em 1517. Ao longo do *Itinerário* encontramos frequentes referências aos turcos e à sua administração na Terra Santa. No nosso estudo nem sempre distinguiremos entre muçulmanos e turcos pois, se por um lado a presença dos últimos era ainda recente, por outro lado quanto à religião e costumes confundiam-se praticamente com os dos árabes.

(5) INOCÊNCIO refere-se muito elogiosamente ao valor literário do *Itinerário*: «Quanto ao mérito letterário do livro, posto que o seu autor no prólogo declare que só se fizera cargo ao escrevê-lo da verdade e fidelidade, inculcando ter deixado de parte a correcção do estudo, comtudo este é quasi sempre puro, animado, agradável, e às vezes elegante. Ao menos, é essa a opinião de alguns nossos distintos philólogos cujas autoridades não produzo para não alongar este artigo» (t. VI, p. 337).

no ambiente geográfico e cultural da Palestina de então, fornecendo notícias e elementos muito preciosos sobre a vida e os costumes das populações que lá encontrou. O Itinerário de Fr. Pantaleão é um perfeito retrato da Terra Santa quinhentista.

Deu-lhe uma ordem geográfica segundo o itinerário que seguiu, de Jafo, onde desembarcou, até ao Líbano, donde regressou à Europa. Isto sem falar, claro, dos primeiros 15 capítulos que descrevem a viagem de Veneza à Palestina.

Como já dissemos, são muitos os aspectos ricos de interesse que foca. Desde o aspecto bíblico, ao histórico, geográfico, cultural, artístico, linguístico, etnográfico, etc. podíamos em cada um deles deter-nos e falar demoradamente (6).

Escolhemos, porém, apenas aqueles elementos que dizem respeito à presença árabe no *Itinerário*. Fr. Pantaleão fala muito da vida dos árabes, das suas mesquitas, da veneração que têm aos lugares santos e a algumas personagens da Bíblia, dos seus costumes e tradições, etc. Podemos deste modo ficar a fazer uma ideia bastante razoável do que era o Islamismo e da mentalidade e usos dos árabes da Palestina no séc. XVI.

Seria interessante fazer um estudo comparativo entre o *Itinerário* de Fr. Pantaleão e outras obras igualmente consagradas a viagens à Terra Santa da mesma época. Já apontámos as portuguesas. Entre as estrangeiras sobressaem: CHRISTIANUS ADRICOMIUS, *Theatrum terrae sanctae et Biblicarum historiarum* (Coloniae, 1590); ID., *Jerusalem sicuti tempore Christi floruit* (Ibid., 1584); ABRAHAM ORTELIUS, *Geographia sacra* (Antuerpiae, 1579); ID., *Typus chorographicus peregrinationis S. Pauli* (Ibid. 1579); *Thypus chorographicus celebriorum locorum Judae et Israel* (Ibid. 1586); GERHARDUS MERCATOR, *Terrae sanctae descriptio* (Lovanii, 1587); BONIFATIUS RAGUSINUS, *Liber de perenni cultu Terrae Sanctae* (Venetiis, 1573); BERNARDINUS AMICO, *Tratatto delle piante et Imagini dé sacri edifizii di Terra Santa* (Roma, 1609); FRANCISCUS QUARESMIUS, *Elucidatio Terrae Sanctae* (Antuerpiae, 1639); MICHAEL

(6) Vid. GOMES PEREIRA, *Gramática e Vocabulário de Fr. Pantaleão precedido dum breve estudo sobre o autor e a sua obra*, in *Revista Lusitana*, vol. XVI (1913) 81-100; C. F. BECKINGHAM, *Pantaleão de Aveiro and the Ethiopian Community in Jerusalem* [peregrinnans anno 1563], in *Journal of Semitic Studies* 7 (1962) 325-338; H. BERBERIAN, *Les Arméniens dans l'itinéraire de la Terre Sainte du Fr. Pantaleão de Aveiro*, in *Revue des Études Arméniennes*, nouvelle série, tome II, Paris, 1966, pp. 369-380. — Sobre os termos orientais usados por Fr. Pantaleão, recomendamos, além do artigo de Gomes Pereira, o *Glossário Luso-Asiático* de MONS. SEBASTIÃO R. DALGADO (2 vols., Coimbra, 1919-1921).

AITSINGER, *Terra promissionis topographice et historice descripta* (Coloniae, 1582); RODERICUS DE YEPES, *Tratado y descripción de la Tierra Santa y grandezas de Egipto y Monte-Sinai* (Valladolid, 1587); FRANCISCO GUERRERO, *El viaje de Hierusalem* (Valentia, 1590); IOHANNES CEVERIO DE VERA, *Viaje de la tierra Santa, descripción de Gerusalem y del s. monte Liban* (Roma, 1596); PETRUS GOMEZ DURÁN, *Historia Universal de la vida... del Hijo de Dios... con toda la descripción de la Tierra Santa de Jerusalem* (Madrid, 1609); ANTONIO DEL CASTILLO, *El devoto Peregrino. Viaje a Tierra Sancta* (Madrid, 1654); GREFFIN AFFAGART, *Relation de Terre Sainte* (Paris, 1533-34); GIOVANI ZUALARDO, *Il Devotissimo Viaggio di Gierusalemme* (Roma, 1585); IOANNES COTOVICUS, *Itinerarium Hierosolimimitanum* (Antuerpiae, 1619); EUGENE ROGER, *La Terre Sainte* (Paris, 1564); BERNARDINUS SURIUS, *Le pieux pelerin ou Voyage de Jerusalem* (Paris, 1663); MICHEL NAU, *Voyage Nouveau de la Terre-Sainte* (Paris, 1679) (7).

Como se vê, foi um período fértil em obras sobre a Terra Santa, o que se explica perfeitamente por terem sido muitas as peregrinações então realizadas.

Dividiremos o nosso estudo em três partes: na primeira, veremos o que Fr. Pantaleão nos diz sobre as mesquitas que visitou; na segunda, trataremos dos lugares santos e da veneração que os muçulmanos e turcos têm aos mesmos e a algumas personagens bíblicas; finalmente, na terceira apresentaremos alguns aspectos relativos aos costumes e tradições dos árabes, como Fr. Pantaleão no-los descreve.

Foi esta a divisão que nos pareceu mais indicada para análise dos elementos árabes no Itinerário do Fr. Pantaleão de Aveiro. Seguimos a 7.^a edição de *Itinerário da Terra Santa e suas particularidades* por António Baião (Coimbra, 1927) (8).

(7) Vid. H. SIMÓN — J. PRADO, *Praelectiones Biblicae*, Turim, 1954, p. 398; D. BALDI, *Enchiridion locorum sanctorum*, Jerusalem, 1955. Baldi cita Fr. Pantaleão uma única vez ao falar do martírio de S. João Baptista em Maqueronte e da sua sepultura em Sebástia (p. 242). Existe na Biblioteca Nacional de Madrid uma miscelânea de narrações de peregrinações à Terra Santa de Fr. António Cruzado (1483), de Leão de Mogúncia (1483), de Fr. António de Lisboa (1507), de Fr. Diogo de Mérida (1507-1512) e do Marquês de Tarifa (1518-1519) reunidas sob a epígrafe comum de *Tratado Muy devoto del viaje e misterios de la Tierra Santa de Jerusalem e del Monte Sinay...* Sob o título *Viaje a Oriente* publicou ANTONIO RODRIGUEZ MONINO em 1945 a crónica de Fr. Diogo de Mérida, in *Analecta Sacra Tarraconensia*, XVIII (1945) 115-187. Estamos a estudar a de Fr. António de Lisboa.

(8) A primeira edição é de 1593. O alvará régio tem a data de 22 de Maio do mesmo ano. Nele se autoriza que Diogo Tavares e o livreiro Simão

I. MESQUITAS

Fr. Pantaleão de Aveiro fala no seu *Itinerário* da existência de mesquitas em Jerusalém, Siquém, Dotaim, Damasco, no lugar onde segundo a tradição Caim matou Abel (perto de Damasco) e em Beirute, dando-nos acerca de cada uma elementos muito interessantes para o conhecimento da vida religiosa muçulmana de então. É certo que nem sempre, ou só muito raramente, se alonga na descrição das mesmas e não desenvolve, como desejaríamos, como era o culto, quais as festividades principais etc. Mas o que apresenta é, apesar de tudo, digno de referência e de estudo, tanto mais que muito do que nos informa já não existe nos nossos dias. Iremos agora passar em revista o que nos diz sobre as mesquitas que visitou ou de que teve conhecimento.

1. JERUSALÉM: Diz que Jerusalém tem muitas mesquitas que antes foram igrejas cristãs, conservando ainda as suas torres e campanários. Todas têm os seus «cacizes» que vivem junto delas com suas famí-

Lopes possam imprimir a obra e manter durante 10 anos os respectivos direitos sobre a impressão e venda (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de Filipe I, Privilégios*, livro 2, fl. 171 v.º; foi publicado por Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da Typographia portugueza nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, 1888, pp. 113-114). — Na introdução, dá alguns conselhos àqueles que pensarem em fazer uma peregrinação à Terra Santa e explica as razões que o levaram a empreender o seu *Itinerário*. — No espaço de sete anos saíram mais duas edições (1596 e 1600); no decorrer dos tempos foram feitas mais quatro (1685, 1721, 1732 e 1927), sendo a última a de António Baião. — Acerca do valor literário e histórico do *Itinerário*, escreve o Prof. J. Veríssimo Serrão: «A prosa de Frei Pantaleão fornece abundantes exemplos para conhecer o estado da língua portuguesa nos fins do século XVI. Fala o autor da sua «tosca» linguagem» e a análise morfológica e sintáctica a que Gomes Pereira procedeu do *Itinerário* revela curiosos processos de construção e o emprego de termos gramaticais de forma original. Nenhum outro livro de viagens do nosso Renascimento abre tantas perspectivas para ajuizar da riqueza da língua portuguesa do tempo. Mas o que mais sobreleva na obra de Frei Pantaleão é a valia da informação histórica, que parte de um centro de narração — a viagem do autor — para comentários de traçado original e que enriquecem o seu relato. Seja apenas o caso das várias «nações» que viviam na Casa Santa de Jerusalém, o que permite ao nosso franciscano fazer a história de gregos, geórgios, arménios, coptas, abexins e caldeus. O relato da nação arménia de Jerusalém constitui, aliás, uma das melhores fontes para o conhecimento desse povo, tão intimamente ligado à história portuguesa do Oriente (PROF. J. VERÍSSIMO SERRÃO, *A Historiografia Portuguesa*, I, Lisboa, 1972, p. 391. Dedicada a Fr. Pantaleão as pp. 387-392 desta obra).

lias. Em certos dias do ano são engalanadas com bandeiras e pendões. Com seus brados, os «cacizes» servem de relógio, especialmente de noite ao convidarem a população para a oração. E, a propósito, diz que os turcos não permitem o uso do relógio, pelo que os «cacizes» são muito úteis para a indicação das horas. Lê-se assim... «Tem a cidade muitas mesquitas, as quaes foram Igrejas de Christãos, e ainda agora estão com suas torres e campanários mui curiosos, que servem de ornamento à cidade, e a fazem mais lustrosa: e todas estas mesquitas têm seus «cacizes», que vivem junto dellas com suas mulheres e filhos, e alguns dias do anno as enchem de bandeiras e pendões, e as enramam com grandes luminárias de noite. Estes «cacizes» com seus brados nos servem de relógio, em especial de noite, digo à meia noite, porque os turcos não nos permitem outros, posto que às escondidas temos relógio pequeno que nos serve dentro de casa» (9).

Noutra passagem, refere-se igualmente às mesquitas da cidade santa, repetindo alguns pontos apresentados anteriormente e focando outros pela primeira vez. Assim, novamente, escreve que as mesquitas de Jerusalém foram no passado igrejas de cristãos, das quais conservam ainda os seus campanários e torres. Quanto à oração apregoada pelos «cacizes» do alto das torres das mesquitas, diz as horas a que o fazem e como o fazem: com o dedo polegar da mão direita na orelha. E dá alguns pormenores acerca da vida dos «cacizes» e das ornamentações nas festas que realizam. Os mercadores latinos detestam o bradar dos «cacizes», especialmente à noite; e até conta um episódio curioso corrido em Alepo, em que um mercador florentino matou de noite o «caciz», tendo deixado na torre uma cabaça de vinho e carne de porco para que se julgasse que a morte do mouro fora castigo de Deus. Eis o texto: «Fora o Templo de Salamão, Mesquita maior dos Mouros, há na Santa Cidade outras Mesquitas menores, as quaes todas foram Igrejas de Christãos, e assim as têm agora com as suas torres e campanários sem sinos, e tudo mui renovado. Moram es «Cacizes» junto dellas com suas mulheres e famílias, e são obrigados a cinco vezes entre noite e dia se subirem nas torres, a saber, a prima noite, à meia noite, de madrugada, ao meio dia, a horas de véspera, e ali pondo o dedo polegar da mão direita na orelha, com grandes brados admoestam ao povo que louve a Deos e ao maldito sancarrão de Mafamede, e andam nas horas de bradar tão certos, que nos servem de relógio, em especial

(9) C. XXI, pp. 110-11. No c.LXI, p. 373 afirma o mesmo, dizendo que só se permitem relógios de sol.

à meia noite. Todos estes «cacizes» têm seu ordenado, como cá os Sanchristões das nossas Igrejas, e têm sua paga dos enterramentos e de acompanharem os defuntos. E para que as almas dos taes vão mais depressa ao inferno, a seu modo lhe fazem seus offícios como eu algumas horas vi. Em algumas festas suas pelo anno enramam e embandeiram as torres por de fora, e das primeiras vésperas até todo o outro dia têm postas nas Mesquitas muitas luminárias, e tudo aquilo com que podem mover ao povo tomaram dos Christãos, por se querem mostrar não serem tão bárbaros, como são. Amofinam-se muito os mercadores Latinos, que tratam naquellas partes de Turquia negoceando sua vida, com o bradar destes «Cacizes» de noite e de madrugada: aonde no tempo que lá estávamos aconteceu em Allepo, que hum mercador florentino...» (10).

2. SICAR: Ao descrever Siquém (ou Sicar) não lhe passa despercebida a mesquita edificada no sítio onde foram sepultados os restos mortais de José, filho de Jacob. Trata-se de uma mesquita pequena mas muito curiosa por fora, na qual habita um santarrão, como eremitão. Da mesquita se abastecem. Logo no princípio do capítulo, ao falar da situação de Siquém, a que os turcos e cristãos chamam Nablos ou Nabulosa e a que ele prefere dar o nome de Sicar ou Siquém, junto a dois altos montes, o Ebal e o Garizim, diz: «tem dentro boas casas e muitas mesquitas mui curiosas: as que foram Igrejas de Christãos: e da mesma maneira estão agora com suas torres e campanários sem sinos...» (11).

Ao descrever mais adiante o poço de Jacob alude então à mesquita de que já falámos atrás: «Junto a este poço está a herdade que o Patriarca Jacob deixou em testamento ao seu amado filho Joseph.... Toda está plantada de fermoso olival, e no próprio lugar aonde foi sepultada a ossada de santo Joseph, que os filhos de Israel trouxeram consigo do Egipto, quando o Senhor Deos os livrou do cativo, está huma Mesquita pequena, ainda que em extremo curiosa por fora: na qual mora de contínuo hum santão, como Ermitão, e da Mesquita sahe huma fonte de água mui copiosa e tão boa, que a vão buscar da Cidade, com haver nella muitas, para a qual nos tornamos depois de visitarmos aquelle poço...» (12).

(10) C. XLIII, pp. 261-262.

(11) C. LXXIX, p. 448.

(12) C. LXXIX, pp. 453-454.

3. **DOTAIM:** Ao descrever o lugar de Dotaim, numa cisterna do qual José foi lançado por seus irmãos, diz que junto dela existe uma pequena mesquita: «Junto della têm os Mouros huma pequena Mesquita, na qual quando alli vão ter, êntrão a fazer seu Salá» (13).

4. **DAMASCO:** Fr. Pantaleão dedica a Damasco algumas páginas nas quais nos dá uma ideia muito perfeita e completa do que era a vida naquela cidade. Damasco, «tão nomeada em todas as partes Orientaes, assim por sua muita antiguidade, como por sua nobreza e grandes riquezas... é a mais nobre e populosa Cidade, que tenho visto, posta em sertão...», impressionou vivamente o nosso autor. Os cinco a seis mil teares nela existentes, a que ele se refere longamente, a indústria de cutelaria, etc. etc. tudo lhe deixou uma óptima impressão que ele procura transmitir aos seus leitores.

Acerca das mesquitas de Damasco, diz-nos que há muitas, sendo a principal a que se encontra no mesmo lugar onde antigamente no tempo dos Reis de Israel e no de Rasin, Benadab, Azael, reis da Síria, ficava o templo do ídolo Remon. É tal a grandeza e majestade exterior que causa admiração. O pátio e o adro de fora estão cobertos de ouro e esmaltes, assim como as paredes até ao chão. Escreve: «tem a Cidade entre muitas e mui curiosas Mesquitas, a maior e mais principal edificada no mesmo lugar, aonde antigamente no tempo dos Reis de Israel, e em tempo de Rasin, Benadab, Azael, Reis da Síria, esteve o templo do ídolo Remon, a qual Mesquita hé de tanta grandeza e majestade no exterior, que causa espanto. O pátio e adro de fora todo hé cuberto de ouro e esmaltes, e da mesma maneira as paredes até o chão» (14).

5. **MESQUITA NO LUGAR DA MORTE DE ABEL:** Saindo de Damasco a caminho de Beirute, a cerca de duas milhas da primeira, chegaram ao sítio onde segundo a tradição Caim matou Abel. Aí os muçulmanos têm uma pequena mesquita que é muito curiosa: «...e duas milhas della chegámos ao lugar, aonde os da terra affirmam que Caim matou a seu irmão Abel, no qual os Mouros têm huma Mesquita pequena, mas sobre maneira curiosa, outavada e com muitos brincos, que mais parece um rico farol que Mesquita, olhando bem a sua curiosidade...» (15)

(13) C. LXXXIII, pp. 476-477.

(14) C. LXXXVII, p. 501.

(15) C. LXXXVIII, p. 507.

É de salientar que ao falar de Hebron, alguns capítulos atrás, se referira a uma outra mesquita em recordação do mesmo acontecimento: «Perto do campo Damasceno nos mostraram hum lugar no qual dizem que Caim matou a seu irmão Abel: eu tenho isto por opinião do povo, porque achando-se na Cidade de Damasceno, como adiante direi me mostraram hum lugar alto huma légoa da Cidade, no qual Judeus e Mouros affirmam ser ali feito aquelle cruel fratricídio, e têm alli os Mouros huma Mesquita de muita curiosidade em sua maneira, a qual eu vi de fora, passando junto a ella, e o glorioso Doutor S. Hieronino sobre Ezequiel affirma ser assim» (16).

Havia, por conseguinte, duas mesquitas em sítios diferentes que recordavam a morte de Abel. Fr. Pantaleão esteve em ambos os lugares e narra aquilo que lhe diziam as pessoas de lá, abstendo-se de formular um juízo quanto à autenticidade e veracidade de tais ditos, o que acontece noutras ocasiões.

6. BEIRUTE: Relatando a sua visita a Beirute, menciona a mesquita local, grande e formosa, que outrora fora a Sé Episcopal, dedicada a S. João Baptista, a quem os muçulmanos consagram muita devoção: «A Cidade de Beirute, fora das suas sedas, que são muitas, e a terra ser grosíssima, não tem cousa alguma particular de notar, salvo ter huma Mesquita muito grande e fermosa, a qual no tempo que a Cidade era de Christãos servia de Sé Episcopal, dedicada em louvor do bemaventurado S. João Baptista, Precursor de nosso Redemptor, do qual todos os Mouros daquella Cidade são devotíssimos, e assim mesmo do glorioso S. Jorge e de nosso Padre S. Francisco» (17).

Refere-se ainda às mesquitas em Lida, Ramá (Palestina) e Gífblio (Líbano). Acerca da primeira, diz que foi outrora igreja de cristãos mas agora o seu formoso campanário está sem sinos e serve de mesquita (18). Em Ramá há algumas mesquitas que foram igrejas de cristãos e ainda têm seus campanários e torres de sinos, mas sem eles. Entre elas há «huma muito grande, fermosa e com torres, e galantarias, a qual foi cathedral com seus cónigos: é agora por nossos pecados a mesquita maior dos mouros daquella cidade; affirmam estarem sepultados naquella igreja, ao presente Mesquita, mais de trezentos mártires» (19).

(16) C. LIX, p. 358.

(17) C. XC, p. 522.

(18) C. XVII, p. 88.

(19) C. XVIII, pp. 92-93.

Em Gíblío (antiga Biblos) há muitas igrejas, mas que servem de mesquitas, outras meio arruinadas, com suas torres e campanários sem sinos. E há «huma muito grande, e fermosa de abóbada e de três naves, lavrada mui curiosamente de mármore branco e nas colunas lavradas de obra romana: a qual com toda esta grandeza e curiosidade serve de cão aos passageiros» (20).

II. OS MUÇULMANOS E OS LUGARES BÍBLICOS

Ao longo do seu *Itinerário*, Fr. Pantaleão refere-se frequentes vezes à veneração que os muçulmanos e turcos têm para com os lugares santos e algumas personagens bíblicas. É, sem dúvida alguma, um dos aspectos mais importantes da obra este relativo às relações muçulmanos-lugares e personagens bíblicas. Como iremos ver, havia muito respeito e devoção aos sítios onde tiveram lugar acontecimentos do Antigo e do Novo Testamento e a certas personagens da Sagrada Escritura.

O Monte Sião, onde se evoca a sepultura do rei David e a instituição da Eucaristia e o lava-pés, o templo de Salomão, a Igreja da Assunção, o terebinto entre Jerusalém e Belém, a sepultura de Raquel, Belém com os vários sítios bíblicos, Hebron, o Herodium, etc. são os mais importantes de todos. Acerca de cada um deles nos informa Fr. Pantaleão em pormenor, relatando-nos a sua história, o seu estado presente e o lugar que ocupam na vida dos cristãos e dos muçulmanos. É este último aspecto que consideraremos.

Entre as personagens bíblicas, além da referência genérica aos Patriarcas e aos Profetas, menciona S. João Baptista, Jesus (21) e Nossa Senhora, a quem os muçulmanos dedicam grande veneração.

Vejamos agora caso por caso:

1. O MONTE SIÃO: Havia outrora no Monte Sião um mosteiro que agora está em poder dos turcos «cacizes» do templo de Salomão, ou melhor, da mesquita edificada no sítio do antigo templo. Tal coisa teve como origem o facto de certos judeus, movidos por inveja, dizerem que os cristãos possuíam aquele lugar que para eles era san-

(20) C. XC, p. 523.

(21) Diz a certa altura que os turcos não veneram os lugares onde Jesus padecceu porque confessam que, sendo ele filho de Deus e «bafo» de Deus, não podia morrer (p. 127).

tíssimo por se encontrar nele a sepultura do rei David «que pertence mais a elles que aos Christãos».

E, acrescenta Fr. Pantaleão, os judeus assim procedem por saberem a veneração que os mouros e turcos têm aos patriarcas e profetas do Antigo Testamento: «o que lhe disse com palavras falsas e enganosas por saber a veneração que os Mouros e Turcos têm aos Patriarcas e Profetas do Velho Testamento» (22). Além disso, foi proposto ainda ao Grão-Turco que aquele mosteiro podia servir de fortaleza. Depois de várias tentativas, o Grão-Turco mandou entregar a capela onde se dizia estar a sepultura do rei David aos «cacizes» para aí viverem com suas mulheres e filhos, «para terem cuidado das alâmpadas da capella e do mais tocante limpeza e ornato della: pelo que foi forçado aos frades dar-lhe a maior parte dos baixos do mosteiro, por estar nelles a dita capella: a qual fica como subterrânea debaixo da bendita capella, aonde a Virgem nossa Senhora, com as santas mulheres e gloriosos Apostolos à hora que sobre todos veio o Espirito Santo em línguas de fogo dia de Pentecostes, estava» (23).

Mais tarde, por queixa contra os frades, estes tiveram de deixar também a capela superior e habitar numa casa que servia para despejos de forno. Desta feita, todo o mosteiro foi entregue aos «cacizes».

Como vemos, apesar da oposição manifestada aos frades, havia por parte dos muçulmanos a preocupação de conquistarem um lugar de interesse bíblico, pois venerava-se nele a sepultura do rei David.

Fr. Pantaleão observa a seguir que vários países fizeram diligências para se reaver aquele sítio. Entre eles, conta-se Portugal. D. João III interveio junto do Grão-Turco, mas este respondeu «que lhe pesava muito não poder conceder cousa tão pequena a hum senhor tão grande, e Rei tão poderoso, por estar já o Mosteiro de Monte Sion dedicado ao modo e rito da sua lei, mas que por amor delle o mandaria cercar de muro alto e forte, cuberto por cima de abóbada, que ficasse como sepultado, de tal maneira que já não podia servir aos frades Francos, menos os «Cacizes» se pudessem servir delle» (24).

(22) C. XXXVII, p. 200.

(23) C. XXXVII, p. 201.

(24) C. XXXVII, pp. 202-203. Não é esta a única referência a portugueses que encontramos no *Itinerário*. No C. XXXIV ao falar dos Latinos diz que de Portugal são enviadas avultadas esmolos para a Terra Santa: «Do nosso Portugal vão cada hum anno trezentos cruzados, quando os arrecadam, os quaes deixou ElRei Dom João III para o azeite das alâmpadas que ardem, assim na Casa Santa, como em Belém; e hum fidalgo principal do Reino, por nome Jorge da Silva, que

Os frades, contudo, não concordaram, preferindo que aquele lugar estivesse em poder dos turcos e mouros a ficar sepultado, porque apesar de tudo podiam visitá-lo.

Os lugares da instituição da Eucaristia e do lava-pés que se encontram igualmente no Monte Sião são venerados também pelos turcos e mouros. Diz Fr. Pantaleão: «Estes santíssimos lugares estão mui sinalados da mesma maneira que estavam em tempo de Christãos, e quando os frades os possuíam; e os turcos e Mouros os têm em grande veneração e acatamento quanto ao que vemos no exterior: porque estão ornados com muitas e curiosas alâmpadas, as quaes em dias particulares acendem, e todo o chão têm alcatifado» (25).

No monte Sião fica também um sítio onde se diz que Nossa Senhora passou os anos que se seguiram à Ascensão, o qual é tido em pouca veneração pelos «cacizes» (26).

Perto desse lugar, baixando por uma escada chega-se a umas casas subterrâneas onde os mouros fazem seus salás e suas cerimónias, e andando alguns passos para oriente encontra-se então uma capela não muito grande onde fica a sepultura do rei David, tida pelos «cacizes» com grande aparato e reverência, coberta com um rico pano de

passou com ElRei Dom Sebastião a Africa e lá morreo: deixou cem cruzados para o mesmo effeito das alâmpadas» (p. 178). No C. XXXIX ao descrever a igreja de Santiago dos Arménios, diz que do alto do frontispício até ao chão descem umas corrediças de veludo trazidas da Índia por uma portuguesa chamada Mécia Pimenta, que seria natural de Vila Viçosa. Esta senhora fez muitas esmolos aos lugares santos e veio a morrer em Alepo quando regressava da Índia para Jerusalém com muitas esmolos. Morou em Jerusalém 8 a 9 anos. Numa das vezes que foi à Índia recolheu esmolos e viajou na companhia de D. Constantino de Bragança, vice-rei da Índia (p. 221). No C. XLVII, ao falar do Monte das Oliveiras, diz que Mécia Pimenta comprou licença para mandar cercar e fazer um muro alto e forte para proteger o sítio da antiga igreja da Ascensão (p. 292). No C. LII, descrevendo o presépio, diz que ele está coberto com uma cortina e corrediça trazida da Índia pela devota Mécia Pimenta (p. 326). No C. XXVI, ao falar da igreja da Invenção da Santa Cruz, diz que nas grandes solenidades os frades armam a capela com docéis de brocado que ali deixou a rainha D. Isabel, mulher de D. João III. Fizeram estes reis muitas esmolos e mercês aos lugares santos pelo que todas as 2.^{as} feiras se canta nesta capela missa de Requiem por suas almas. No C. XXXII, diz que celebrou missa na igreja de Santiago com um paramento que o bispo de Coimbra, D. João Soares, havia oferecido para o Santo Sepulcro juntamente com outras mercês e esmolos. Isto sem falar das alusões a Fr. Luís de Sotomaior que já mencionámos a judeus portugueses que são frequentes ao longo da obra etc.— Sobre Mécia Pimenta, vid. JORGE CARDOSO. *Agiolégio Lusitano*, t. I, Lisboa, 1652, pp. 12-13.

(25) *Ibid.*, pp. 204-205.

(26) *Ibid.*, p. 205.

ouro, etc. Vejamos o texto: «Tornando pois ao aposento da Virgem N. Senhora, o qual deixado à mão esquerda abaixamos pela escada, e himos ter a humas casas subterrâneas, aonde os Mouros fazem seus salás e suas cerimónias, e andando alguns passos ao Oriente, damos em huma capella não muito grande, na qual está a sepultura do Real Profeta David, tida daquelles «Cacises» com grande aparato e reverência, coberta com hum mui rico pano de ouro, bislado o mesmo com muitas letras Mouriscas entalhadas: a sepultura é feita como hum Altar em cima do qual tem posta como huma tumba de altura de dous côvados, e o pano de ouro cobre tudo até o chão» (27).

E descreve ainda mais em pormenor a capela para mostrar ao leitor a beleza e aparato da mesma: «Tem hum degrao como os nossos altares, o qual juntamente com o pavimento de toda a capella está cuberto com alcatifas de ouro e seda: A capella de competentemente alta, e d'abóbada, não tem mais claridade que a que lhe entra por huma pequena e estreita fresta, que está ao Norte com sua vidraça, e ao Sul tem huma grade de ferro muito alta e curiosa, na qual a porta por onde entram posta na mesma altura pelo alto da capella tem muitas alâmpadas, e mui grandes, doutadas e pintadas, das que fazem na Cidade de Hebron, e entre ellas muitos círios grandes e dourados: e cuido que assim os círios, como as alâmpadas já mais se acendem, mas tudo esta por aparato vão, **assim** como todas suas cousas são falsas e vãs. Esta capella hé tida daquella canalha em grandissima veneraçãõ: e junto della da parte de fora rezam e cantam suas blasfêmias em certas horas do dia e noite com muitas cerimónias, as quaes a maior parte consiste em cabecear como os Judeos, de quem as tomaram» (28). Pela descrição se vê que este lugar, onde se venerava a sepultura de David, era muito estimado pelos muçulmanos (29).

(27) C. XXXVII, p. 207.

(28) Ibid., pp. 207-208.

(29) Acerca da tradição da sepultura de David, diz-nos Klostermann, que no séc. XII o viajante israelita Benjamim de Tudela espalhou a notícia de que, segundo o rabino de Jerusalém, a sepultura de David e dos reis de Judá tinha sido descoberta casualmente e que o patriarca latino tinha logo proibido o acesso. No séc. XV, os Judeus de Jerusalém fizeram crer aos muçulmanos que o túmulo de David se encontrava na sala interior do Cenáculo. Este erro espalhou-se logo e, por isso, Solimão II ordenou a expulsão dos «infiéis» do convento e da igreja do Cenáculo. Mas os frades conservaram uma parte, apesar de tudo. Depois, em 1545 foram então expulsos, finalmente, por serem acusados de lá guardarem armas de guerra. Os últimos a saírem, fizeram-no em 1551.

2. O TEMPLO DE SALOMÃO merece a Fr. Pantaleão extensas considerações. Começa por fornecer a história. Homor, filho de Catão, que foi o terceiro depois de Mafamede, sendo senhor e rei daquelas terras, o mandou edificar da maneira que agora está, «no mesmo sítio e lugar aonde por El-Rei Salamão foi edificado» (30).

Depois descreve a situação da mesquita e as suas medidas.

Diz que os turcos e mouros têm as suas sepulturas da parte de fora e não consentem que os cristãos passem pelo meio delas.

A poente e a sul há muitos edifícios e casas incorporadas no muro alto. Fornece depois muitos elementos interessantes sobre a mesquita-mór de Jerusalém, como por exemplo que «no lugar aonde os Christãos costumam em seus edifícios pôr a Cruz com a grimpa, tem hum varam de prata muito grande e grosso com humas grandíssimas bolas douradas e mui resplandentes com huma muito grande e mui fermosa meia lua côncava com as pontas para cima, que são as insígnias imperiais do Grão-Turco» (31). Fr. Pantaleão procura a cada passo deixar uma imagem o mais precisa possível de tudo quanto observa. As páginas dedicadas ao templo são ricas de pormenores muitos curiosos, com uma descrição abundante e ao mesmo tempo leve, o que facilmente leva o leitor a acompanhar as suas visitas e anotações.

O interior do templo, contudo, não o pôde visitar «porque a nenhum Christão hé licito entrar nelle, nem em alguma Mesquita de Mouros, sob pena de dextrar a Fé Cathólica, ou perder a vida, e muito menos neste, tido delles em tanta veneração, quasi como a casa de Meca» (32). O que relata, por isso, do interior, deve-o a alguns mouros amigos e familiares e especialmente a um genizaro seu amigo que o informou de várias coisas: «...me affirmaram ser o Templo de dentro feito ao modo de huma crasta de Religioso redonda, e feita toda de arcos e colunas de finíssimo mármore branco bornido, e da mesma maneira hé pedra toda a mais fábrica sem alguma outra pintura, e de coluna a columna enfiadas muitas e mui ricas alâmpadas que ardem de contínuo, assim de dia como de noite: e me affirmaram passem de seis centas. Tem no meio do Templo huma pequena altura a modo de rocha, cercada de redor com humas grades riquíssimas. Desta altura contam os Mouros

(30) C. XLII, p. 239.

(31) Ibid., p. 241.

(32) Ibid., pp. 241-242.

diversas cousas fabulosas, das quaes não quero aqui tratar, assim pelas ter como falsas, como por não perder tempo» (33).

O templo a que os mouros não chamam mesquita-mór mas sim templo de Salomão é, diz Fr. Pantaleão, muito visitado por muçulmanos e turcos de todas as partes do mundo; reis e príncipes oferecem para lá riquíssimos presentes. Os peregrinos de Meca não deixam de visitar este templo e outras particularidades de Jerusalém, acrescenta Fr. Pantaleão. É esta a passagem alusiva: «Este Templo a que os Mouros não chamam Mesquita-mor, senão Templo de Salamão, hé mui visitado de Mouros e Turcos de todas as partes do mundo, aonde moram: e se offerecem nelle grandes offertas de Reis e Príncipes: que seguem a seita de Mafamede, de toda a Índia Oriental, e de outras partes mais remotas, aonde vivem: os que não podendo visitá-llo pessoalmente, mandam de contínuo seus riquíssimos presentes: e os peregrinos, assim Mouros, como Turcos que vão em peregrinação e Romaria à casa de de Meca, não têm por boa sua romaria, se não vêm visitar este Templo e outras particularidades de Hierusalém» (34).

Em quatro cantos da praça há quatro campas pequenas muito ricas e curiosas, feitas de finíssimo mármore branco bornido, e torredas todas à volta com muita beleza.

No tempo em que Fr. Pantaleão lá esteve o Grão-Turco de Constantinopola mandou a Jerusalém um renegado veneziano especialista em obras de cobre e bronze, «o qual fez humas portas mui altas, e grandes, todas de branco para este Templo, com tantas invenções de labores e curiosidades de obra romana, e de toda a sorte, que causavam espanto a quem as via...» (35).

No meio do quadrado que está lageado de mármore à porta do poente ficam algumas torres altas não só para ornato como também para chamarem ao seu salá. Na cidade, aliás, há muitas deste género, mas não são nem tão altas, nem tão curiosas.

Também aí se encontram algumas campas pequenas de grande curiosidade que servem só para ornato. Entre elas há uma de inestimável valor, junto às casas do Cabdi, a qual, segundo informação fornecida a Fr. Pantaleão, foi mandada fazer por um sultão do Egipto.

No mesmo páteo há duas grandes cisternas que recolhem água das chuvas no inverno, da qual se servem os mouros e turcos. Há

(33) C. XLII, p. 242.

(34) Ibid., pp. 242-243.

(35) C. XLII, p. 243.

também pias grandes e tanques pequenos nos quais se lavam antes de entrarem no templo.

A seguir enumera e descreve as 10 portas do templo.

O «caciz»-mor ao ver que os peregrinos iam com as suas cruces vermelhas, mandou que as retirassem, «querendo-se aquelle santarrão mostrar naquilo muito zeloso da honra do seu Mafamede». O P. Bonifácio interveio e os peregrinos dirigiram-se a casa do «caciz» levando presentes para o aplacarem. Então ele começou a mostrar da sua casa o templo, explicando as diversas partes do mesmo. Falou do juízo final e do paraíso que Deus concede aos que guardam a seita de Mafamede. Disse, continua Fr. Pantaleão, algumas blasfêmias e ofereceu relíquias de Meca. Louvou muito o seu Mafamede.

Narra depois vários episódios acerca dos «cacizes» e lamenta os muçulmanos: «Lástima se deve ter de gente tão perdida e desavergonhada no pecar, tendo elles algum conhecimento do Senhor Deus, e entenderem haver outra vida e immortalidade d'alma, cousa que se de muitos Filósofos e sábios do mundo fora entendida, se tiraram por bem-aventurados, empregando as virtudes moraes de que se presavam, serviço de seu Creador, para com ellas alcançarem a glória» (36).

3. FONTE DE SILOÉ: Ao descrever o Vale de Cedron, diz que alguns passos mais adiante fica a Fonte de Santa Maria, assim chamada por cristãos e mouros, embora o seu nome seja Fonte de Siloé.

Descreve em pormenor a fonte, dá elementos históricos e outros de sumo interesse.

Os cristãos construíram por cima da fonte um mosteiro de religiosas. Os «cacizes» têm em grande veneração esse mosteiro que é chamado por cristãos e mouros Templo de Santa Maria. Este templo fica por cima da fonte à maneira de lapa (37).

4. O MONTE DAS OLIVEIRAS: Ao falar do Monte das Oliveiras, refere vários sítios bíblicos aos quais os muçulmanos têm grande veneração. O primeiro fica na encosta, donde se avista perfeitamente o Templo de Salomão e toda a cidade, e recorda o episódio do «Dominus flevit». Ali existiu outrora uma igreja cristã, «da qual ao presente há pouca memória». Contudo, esse lugar é muito respeitado e venerado pelos mouros: «...mas hé mui venerado dos Mouros, e o têm lageado e

(36) C. XLII, p. 251.

(37) C. XLVI, p. 283.

concertado, e no meio huma cisterna, e ha huma parte tem hum lugar particular feito com hum arco, aonde se metem orar» (38). O segundo lugar bíblico de interesse é a igreja da Ascensão, mandada construir pela rainha Santa Helena, e da qual já pouco resta, pois há uns 60 anos foi destruída. Só ficou uma capela octogonal que pertencia à primitiva igreja. Aí se encontra uma pedra especial, que segundo a tradição foi tocada pelos pés de Cristo antes da sua subida aos céus, e que é muito venerada por turcos e muçulmanos: «Entrando pela porta algum tanto à mão direita, está no chão huma pedra, e nella huma pégada, que alli nosso Redemptor deixou impressa, quando teve por bem tornar aos Céos donde havia baixado á terra, por nosso remédio e salvação. Foi aquella pedra talhada pelo meio, e a outra pégada levaram ao Templo de Salamão quando a terra era de Christãos: aonde segundo affirmam os da terra hé tida dos Mouros e Turcos em grande veneração» (39).

A outra parte ficou na capela da Ascensão. Ali construíram os muçulmanos um vão no qual fazem as suas orações: «Junto à pégada, que ficou na capella d'Ascensão, têm os mesmos Mouros feito hum vão, a modo de portal com seu arco, curiosamente lavrado, no qual se metem quando vão visitar aquelle santo lugar, e alli fazem sua oração, e lhe mostram ter grande devoção, e confessam claramente que delle subio aos Céos o dia de sua gloriosa Ascensão, aonde está com o Padre Eterno, e que dos Céos há-de vir gloriosamente no dia do juízo julgar os vivos e os mortos» (40).

E a propósito, diz Fr. Pantaleão que os mouros e turcos têm grande respeito a todos os lugares onde Cristo esteve, excepto àqueles relativos aos mistérios da sua Paixão: «Cousa hé muito de notar na Terra Santa o grande acatamento que os Mouros e Turcos têm tão em particular a todos os lugares aonde Christo nosso Redemptor esteve, tirando aquelles que tocam aos mistérios de sua sagrada Paixão, porque não quadra a seu rústico e carnal entendimento, que sendo elle Filho de Deos, ser possível morrer, não entendendo que sua morte foi sòmente quanto a sua humanidade, que da Virgem gloriosa nossa Senhora tomara, e não quanto a sua divindade, com a qual hé Deos verdadeiro immortal e invisível» (41).

(38) C. XLVII, p. 290.

(39) C. XLVII, p. 291-292.

(40) C. XLVII, p. 292.

(41) C. XLVII, p. 292.

Dado que aquele lugar estava muito abandonado e os mouros que moravam à sua volta o sujavam, Mécia Pimenta comprou uma licença para o mandar cercar e mandou fazer um muro alto e forte de maneira que agora tem portas e «está com mais reverência do que em outro tempo estava» (42).

5. **BETÂNIA:** Falando da casa de Simão o Leproso, onde antigamente se construiu uma igreja, diz que está muito abandonada servindo até ao presente de casa dum mouro. A capela-mor está tornada um curral de cabras, e comenta assim: «Os mouros de Bethânia são gente péssima, e tamanha irreverência não se pode ver, como muitas vezes vi, sem muita lástima e aflição de coração» (43).

Depois, ao referir-se à igreja de S. Lázaro, que se encontra como quando pertencia aos cristãos, onde fica a sepultura de Lázaro, que Cristo ressuscitou, diz que um «caciz» muito tirano cuida desse lugar com toda a limpeza: «Tem cuidado daquelle lugar hum «Cacis» mui tirano, mas trata-o com muita limpeza, nem consente alguém entrar nelle salvo com grande aderência, no que se pode considerar quanto estimam os «Cacizes» Mouros os lugares santos que foram de Christãos (44).

6. **TEREBINTO QUE FICA ENTRE JERUSALÉM E BELÉM:** No caminho da cidade santa a Belém, há um terebinto que é tido em grande veneração por cristãos e mouros por se dizer que Nossa Senhora esteve muitas vezes à sua sombra. Dele se contam muitas coisas. É a seguinte a passagem: «Seguindo o caminho e chegando quasi ao meio delle achamos hum Terebinto mui grande e feroso, à mão esquerda, na borda da estrada, a que alguns dos que de cá vão, em romaria querem chamar lentisco, que hé aroeira, não o sendo na verdade, ainda que na folha tem alguma apparencia della. Esta árvore hé tida em muita veneração de todos os da terra, assim Mouros, como Christãos, e afirmam a Virgem N. Senhora haver muitas vezes estado à sua sombra, e ao pé della, indo ou vindo de Belém a Hierusalém. Contam desta árvore muitas coisas, que lá têm por miraculosas e verdadeiras, as quaes deixo de escrever, porque conforme à frieza e pouca devoção de que temo, que as tenham por frívolas e compostas» (45).

(42) Ibid., p. 293.

(43) C. XLVIII, p. 298-299.

(44) Ibid., p. 299.

(45) C. XLIX, pp. 303-304.

7. SEPULTURA DE RAQUEL: Junto à estrada que liga Belém a Jerusalém, sob uma abóbada alta que assenta em quatro grossas pilastras, tendo na fronteira do arco dianteiro uma inscrição hebraica a dizer quem ali está sepultado, fica o túmulo de Raquel. Os muçulmanos, diz Fr. Pantaleão, têm grande veneração a esse lugar. Escreve: «Hum tiro de besta deste lugar, aonde se acham aquellas pedrinhas e está a torre de Jacob, está a sepultura de fermosa Raquel, mulher do Santo Patriarca Jacob, e mãe do castíssimo Joseph; a qual sepultura até o presente está com muita authoridade em a estrada pública, feita a modo de hum grande túmulo, de altura de quatro até cinco côvados, metida debaixo de huma abóbada muito grande e alta, sustentada com quatro pilares grossos e fortes, de pedra e cal. Na fronteira do arco dianteiro tem huma grande pedra lavrado hum letreiro de letras Hebraicas, o qual alli mandou pôr o Patriarca Jacob, que declaram quem fez na sepultura, e em que tempo passou desta vida. Têm os Mouros grande reverência a esta sepultura: e porque alguns peregrinos que vão à Terra Santa em alguns lugares particulares deixam escrito seus nomes, querendo-os eu imitar, escrevi o meu no alto da Casa Santa e em outras partes, como cá depois deu testemunho hum mui venerável e mui douto Padre da Ordem dos Pregadores, chamado Frei Nicolao Dias, que o vio escrito aonde digo: e achando-me nesta sepultura da fermosa Raquel no alto della, de letra grossa, e legível escrevi: *Hic adfuit Frater Pantaleon Lusitanus*, que quer dizer, aqui esteve o Padre Fr. Pantaleão Portuguez, não mais que por contentamento meu vendo-me nequelle lugar» (46).

Acerca das 12 pirâmides pequenas à volta da sepultura que os judeus e mouros dizem terem sido mandadas erguer por Jacob, Fr. Pantaleão põe as suas dúvidas. Pensa que se devem a judeus ou mouros nobres que ali quiseram ser enterrados por se tratar dum lugar muito singular.

8. BELÉM: De Belém apresenta-nos Fr. Pantaleão vários sítios de interesse bíblico. Começa pela igreja de Nossa Senhora de Belém,

(46) C. XLIX, pp. 309-310. — Fr. Nicolau Dias, O.P., natural de Lisboa, professou a 2 de Junho de 1541 no Convento de S. Domingos dessa cidade. Exerceu cargos importantes dentro da Ordem, visitou a Terra Santa e Roma, e veio a morrer em Salamanca (1596) para onde fora exilado por defender a causa de D. António contra a dominação filipina. Deixou algumas obras impressas e manuscritas, destacando-se entre estas uma intitulada *Jornada da Terra Santa*. Cfr. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, t. III, pp. 491-92, que fornece abundante bibliografia.

muito bela e muito rica, da qual os turcos têm levado para suas casas as preciosidades que nela havia.

É esta igreja frequentada por cristãos, mouros e turcos, «que com muita devoção de toda a parte o visitam, oferecendo-lhe seus votos» (47).

Falando do presépio, diz Fr. Pantaleão que os turcos e mouros têm grande veneração a este lugar santo. Quando juram alguma coisa de muito importante vão sempre lá. E tal juramento é sempre respeitado, haja o que houver.

Antes de irem a Meca, visitam-no e nas necessidades mais graves dirigem-se lá para pedir a ajuda de Deus. Ao retirarem-se, nunca lhe voltam as costas. Reza assim o texto: «Todas as nações Orientaes têm este lugar do santissimo Presépio em grandíssima veneração, e mui em particular os Turcos e Mouros, os quaes naquella terra por costume quando hão de jurar alguma cousa de muita importância ir a este santo lugar e jurar nelle: e o juramento ali feito não o quebrarão, ainda que lhe releve a vida. E todo o Turco, que daquellas partes vai a Meca, primeiro há de visitar este santo lugar do Presépio, e em todas suas enfermidades, trabalhos e necessidades vão a elle com toda a confiança buscar o remédio: mas não lhe consentimos entrar dentro: de fora postos na Igreja grande de N. Senhora, que a todo Christão hé commum, e a toda pessoa, pelas gelosias das portas de bronze o visitam, e a adoram, e em tanta veneração o têm, que quando delle se apartam, tornando-se para suas casas, não lhe hão volver a traseira, mas andando para trás se tornam, nem se permite a algum Christão daquellas partes entrar alli dentro, salvo na festa do Nascimento, e aos Arménios dia da Epi-phania» (48).

A capela que recorda a aparição do Anjo aos pastores a anunciar-lhes o nascimento de Jesus é também muito venerada pelos muçulmanos. Situa-se a cerca de uma milha da igreja do Presépio para Oriente.

Diz Fr. Pantaleão que corre entre a gente daquela terra a tradição de que a terra da capela tem a virtude especial de aumentar o leite às mulheres e aos animais. As mulheres turcas e muçulmanas também recorrem a ela, bebendo-a em água. Chamam-lhe leite de Nossa Senhora. E dizem que Nossa Senhora é que deu à terra tal poder com o seu leite. Escreve Fr. Pantaleão: «A terra desta capella e toda a mais da furna hé quasi toda branca, e desfaz-se como farinha, a qual

(47) C. I, p. 315.

(48) C. LII, p. 326.

tem particular virtude de acrescentar às mulheres o leite e aos outros animaes brutos fêmeas, que criam, e não só as mulheres Christãs, mas também as Turcas e Mouras usam della bebendo-a em água, e a dão ordinariamente aos seus animaes, para o que digo, chamam todos àquella terra leite de Nossa Senhora, e affirmam que esteve ella alguns dias naquelle lugar escondida com o Menino Jesu e o Santo Joseph, antes que fossem para o Egipto: e que com seu leite divino, do qual por sua vontade derramou alli algumas gotas, santificou aquella terra, dando-lhe aquella virtude; seja como for, para os incrédulos digo: o lugar hé muito venerado e a terra com tal título tem aquella bondade, e hé a mesma, que em algumas partes se mostra por particular relíquia, com lhe chamarem leite de nossa Senhora» (49).

9. HEBRON: Outro sítio de evocação bíblica muito venerado pelos turcos é a sepultura dos patriarcas em Hebron. Têm-no muito bem ornamentado e não consentem que nenhum cristão ou judeu lá vá. Só por uma fresta é possível ver aquele lugar. Escreve Fr. Pantaleão: «Quando foi edificada a nova Hebron, que agora têm os Turcos em seu poder, fizeram o castello e fortaleza da Cidade no mesmo lugar aonde estava a sepultura dos Santos Patriarcas, de modo que ficou metida dentro como agora está: a têm os Turcos em grande veneração e mui ornada com ricos panos de ouro e seda, e não deixam entrar naquelle lugar Christão algum ou Judeo, salvo com muita aderência: permitem, porém, que de fóra por uma fresta baixa se veja e visite o lugar, no qual se ganham 7 annos e 6 quarentenas de perdão, e fazem esta commemoração: Antifona: «*Deus locutus est patribus nostris, Abraham, Isaac, et Jacob, quod multiplicaret semen eorum sicut stellas coeli, et velut arenam maris.* Vers. *Laetamini in Domino, et exultate iusti.* Resp. *Et gloriamini omnes recti corde*» (50).

10. LUGAR ONDE ADÃO FOI CRIADO: A um tiro de arco da sepultura dos santos patriarcas, fica o campo damasceno onde, segundo a tradição, Adão foi criado por Deus.

Numa das extermidades está uma cova da qual tiram terra que dizem ser a mesma da qual Adão foi formado. E servem-se dela para várias applicações. Essa terra é vermelha, como barro, branda e pegadiça e trata-se como cera.

(49) C. LIV, pp. 332-333.

(50) C. LIX, p. 356.

Os cristãos fazem dela rosários de contas e os mouros umas bolinhas como pastilhas que vendem na Pérsia, na Etiópia, na Índia e noutras partes do Oriente, como coisa preciosa.

A cova não é muito profunda e, apesar de constantemente tirarem de lá terra, ela mantém-se sempre na mesma.

Conta-se que nenhum animal venenoso pode fazer mal a quem a trazer consigo e outras coisas de índole miraculosa. É este o texto de Fr. Pantaleão: «Quasi hum tiro de arco da sepultura dos santos Patriarcas, para o Ponente, nos mostram o campo Damasceno, no qual affirmam que foi creado nosso padre Adam pelo Senhor Deos, á sua imagem e semelhança do limo da terra, e a huma parte deste campo está huma cova da qual tiram terra, que dizem ser a mesma de que foi creado Adam, affirmando aproveitar para muitas cousas, a qual hé de cor encarnada, a modo de barro, branda e pegadiça, e trata-se como cera. Os Christãos da terra fazem della rosários de contas, que vendem aos peregrinos huns da mesma cor natural da terra, outros tintos de negro. Os Mouros fazem della huns bolinhos como pastilhas, a que chamam terra sigillata, e os que levam a vender à Pérsia, Ethiópia, Índia, e por todo Oriente, e vendem aquella terra como cousa mui preciosa e de muita estima. A cova donde a tiram, quanto ao que vi, podem nella caber três homens, aos quaes dará pela cinta. Affirmam todos os da terra, assim Christãos, como Mouros, estar aquella cova sempre em hum ser, com tirarem della de contínuo: bem pode isto ser verdade, porque nenhuma cousa hé a Deos impossível; e também se tem por cousa mui verdadeira naquellas partes que nenhum animal venenoso pode empecer a quem trazer aquella terra consigo. E outras muitas cousas dizem, que não escrevo pelas não haver experimentado...» (51).

11. HERODIUM: Após longa caminhada chegaram a um grande castelo, chamado Herodium, mandado construir, segundo diz Flávio Josefo, por Herodes o Grande.

No Herodium fica uma sepultura muito grande e formosa metida num adro grande, todo lageado de cantaria, com dois portais.

Toda ela é fechada, havendo apenas uma fresta no alto. Diz-se que é a sepultura de Moisés; mas também há quem diga que é de Josué. O árabe que os acompanhava é de opinião que nela foi sepultado o primeiro.

(51) C. LIX, p. 357.

Os árabes e os turcos visitam-na muito e têm por ela grande veneração. Outros povos fazem o mesmo. De todas as partes chegam peregrinos todos os anos que ali oram ao fundador da teocracia hebraica.

À volta, nos casais vizinhos, moram santões mouros e eremitões que fazem penitência, cuidam da sepultura e vivem das esmolas dos peregrinos.

Fr. Pantaleão duvida que seja a sepultura a de Moisés, sendo de opinião que é de algum santo do Antigo Testamento, a quem os mouros têm profunda veneração, pois dizem-se descendentes de Abraão, embora pelo lado de Ismael. Diz assim: «Caminhando entre grandes valladas junto das onze horas, segundo nos mostravam as guardas do Norte, chegamos a hum lugar descuberto, aonde estavam huns casaes, e à vista delles em hum alto hum grande castelo, chamado Herodion, o qual segundo conta Josepho, edificou Herodes Ascalonita, que mandou mattar os meninos Innocentes, e o castello está sobre o Mar Morto da parte Occidental: e no meio da estrada topamos huma sepultura muito grande e fermosa, de vinte passos em comprido, e doze de largo, e de altura quatro côvados e meio, a qual estava mettida em hum adro grande, todo lageado de cantaria e cercado de parede tão alta, que nos dava pelos peitos, com dous portaes abertos, hum ao Oriente, outro ao Norte. A sepultura era de toda cerrada, sòmente no alto tinha huma fresta de dous palmos de comprido e hum de largo. Entramos dentro no adro e tomamos estas medidas, olhando tudo mui particularmente com grande silêncio. Perguntei ao Abbade Cali, de quem diziam ser aquella sepultura disse-me que huns diziam ser do Profeta Moisés, e outros de Josué, porque os Turcos e Mouros por tal a tinham, e o Árabe, como homem escriturário affirmou ser de Moisés, e nos disseram que era venerada e visitada de toda Turquia e de outras partes remotíssimas, donde quer que havia Turcos ou Mouros, os quaes como peregrinos a vinham visitar cada anno, e que naquellas casaes viviam alguns santões Mouros, assim como Ermitões apartados dos tumultos do mundo, fazendo penitência, os quaes tinham della e se sustentavam das esmolas que os peregrinos traziam. Ser aquella sepultura venerada de toda a seita Mahometana não há dúvida alguma, mas ser ella do santo Moisés, hé cousa fabulosa, e eu disse ao Abbade Cali, que lhe não houvisse alguém dizer aquillo, dando-lhe a entender não ser bem lido na Escritura Sagrada, porque no Livro intitulado Deuteronomio e no Hebreo chamado *elle hadebarim*, está escrito, que Deos mandou a Moisés, que subisse ao Monte Nebo, para que delle visse a terra de Promissão, e desde que a vio, diz o mesmo texto: «*Et mortuus est ibi Moises, servus Domini, in terra Moab, jubente Domino, et sepelivit eum in valle*

terrae Moab contra Phegor, et non cognovit homo sepulchrum eius usque in praesentem diem». Quer dizer: e morreo Moisés servo do Senhor alli na terra de Moab, mandando-o assim o Senhor: e sepultou-o em hum valle da terra de Moab, defronte de Phegor, e não soube pessoa alguma sua sepultura até o dia de hoje. E de Josué em o último capítulo do seu livro está escrito que morreo de idade de cento e dez annos, e que foi sepultado em os terminos de huma herdade sua, em Thannathsarech, a qual está situada no Monte Ephraim da banda do Norte do Monte Gahas. Não ponho em muita dúvida ser aquella sepultura de algum Santo do Testamento Velho, porque aos taes honram os Moutos em grandíssima veneração, affirmando serem todos seus pela parte que lhe cabe de procederem de Abraham, ainda que pella via de Ismael, filho de Abraham, e de Agar sua escrava» (52).

12. CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA: Falando da região entre Jericó e o rio Jordão e recordando vários episódios bíblicos ali ocorridos, Fr. Pantaleão descreve a seguir uma capela dedicada a S. João Baptista. Diz que, apesar de naquele deserto haver muitos mouros, todavia nenhum mal lhe têm feito, pois nutrem pelo Precursor grande devoção: «Caminhando mais adiante por aquella espaçosa campina de Galgala, chegamos a huma capella já perto do Rio Jordão, dedicada em nome e louvor do glorioso S. João Baptista, por ser o lugar aonde se recolhía quando naquelle deserto baptizava a gente que alli vinha ouvir sua santa e suave doutrina... e estar naquelle tão remoto deserto, aonde de contínuo andam Árabes, nenhum mal lhe têm feito, como às imagens do Santo Sabbá fizeram, tirando-lhe os olhos, pela grande devoção e reverência que os Turcos e Mouros têm ao glorioso Baptista» (53).

13. CISTERNA DE DOTAIM: Mais uma vez nos diz Fr. Pantaleão que os turcos e mouros têm grande veneração às coisas dos patriarcas antigos e dos profetas por se dizerem descendentes de Abraão pela linha de Ismael. Daí o terem especiais cuidados com o Monte Sião, com a sepultura dos patriarcas em Hebron e outros lugares.

Também a cisterna de Dotaim está bem estimada: não se encontra rota como estava antigamente, mas sim renovada e cheia de água clara e fria. Junto dela fica uma mesquita, onde fazem o seu salá.

(52) C. LXII, pp. 378-379.

(53) C. LXIV, p. 387.

A cisterna está situada numa campina dum vale largo e muito gracioso. À volta de Dotaim há abundantes pastos para os gados. Assim reza o texto: «Têm os Turcos e Mouros em tanta veneração as cousas dos Patriarcas antigos e dos Profetas, que aonde quer que se acham, as tratam e reedificam com muita diligência, porque se presam de filhos e descendentes do Patriarca Abrahão como os Judeos: e posto que pela linha de Ismael, filho de Agar, sua escrava. E daqui vem tomarem-nos o Monte Sion, por causa da sepultura de David, como já fica dito; terem em Hebron a tão bom recado a sepultura dobrada dos Patriarcas Abrahão, Isaac e Jacob, e das três madres de Ismael Sara, Rebeca e Lia, e outros muito lugares: e da mesma maneira têm a cisterna, aonde foi metido o santo e casto Joseph por seus irmãos, aos quaes elle com tanto amor, e de tão longe ia buscar, desejoso de saber de sua saúde, e de levar delles boas novas a seu pai. Ao presente não têm os Mouros aquella cisterna rota, nem quebrada, como estava há hoje tantos mil anos, mas muito renovada com grande curiosidade, e cheia de água clara e fria, da qual eu à vontade bebi, lembrando-me ser mettido nella com tanta desumanidade o santo moço Joseph. Junto della têm os Mouros huma pequena Mesquita, na qual quando alli vão ter, entram a fazer seu Salá...» (54).

14. IGREJA DA ASSUNÇÃO: Quando seguiam pela ponte de Jacob para Damasco encontraram uma enorme multidão de mouros (cerca de 16.000), que iam em peregrinação a Jerusalém à sepultura de Nossa Senhora cumprir uma promessa, o que nos mostra a devoção que à Virgem consagram os muçulmanos: «Este Nicolau me disse, que toda aquela multidão de Mouros também hia em romaria a Hierusalém a visitar o sepulcro de Nossa Senhora, por voto que tinham feito o anno atraz passado, por uma grande peste que houve em Damasco, da qual a Virgem nossa Senhora os havia livrado, por se prometterem a ella, segundo elles affirmavam: e que seriam até dezasseis mil pessoas, antes mais que menos» (55).

Já anteriormente, quando descrevia a cidade de Jerusalém, Fr. Pantaleão se referira à mesma igreja da Assunção, dizendo que os mouros tinham ali um oratório onde faziam as suas orações e outras cerimónias quando visitavam aquele lugar.

Junto da igreja, há um poço a que chamam poço de Santa Maria e dão aos doentes dessa água pelo que muitos ficam curados.

(54) C. LXXXIII, pp. 476-477.

(55) C. LXXXV, p. 489.

No dia 1 de Agosto fazem uma grande festa em honra da Virgem, chegando a juntar-se seis, sete e alguns oito mil mouros e turcos. Vêm mesmo da Turquia e a Índia Oriental e de outras partes remotíssimas para visitar aquele lugar santo. Os peregrinos de Meca não consideram a sua peregrinação completa se não visitarem em Jerusalém o sepulcro da Virgem, que eles aceitam como virgem no corpo e na alma antes, durante e depois do parto.

A devoção a Nossa Senhora é muito grande entre os muçulmanos.

Escreve Fr. Pantaleão: «Defronte da Capella, para a parte do Ponente dentro da Igreja, a qual no baixo hé feita à maneira de Cruz, têm os Mouros e Turcos hum certo modo de Oratório, aonde se metem e fazem sua oração e cerimónias, quando vão visitar aquelle santo sepulchro: e junto d'elle está hum poço, a que eles chamam de S. Maria, e dão aos enfermos daquella água, com que muitos sáram de suas enfermidades. O primeiro dia de Agosto se ajuntam neste sagrado lugar seis, e sete e alguns annos oito mil Mouros e Turcos, e a celebram com música e muita festa a seu modo com mostras de muita devoção a solennidade d'Assumpção da Virgem nossa Senhora. E têm em tanta veneração, e estima este seu santo sepulchro, que não só os Turcos, e Mouros da terra, e dos lugares de redor o visitam, mas ainda de toda Turquia e da Índia Oriental, e de outras partes remotíssimas o vêm cada anno visitar muitos peregrinos seus, e os Romeiros, que de muitas partes vão à casa de Meca (muitos mais por cento dos que vão de Frânquia a Hierusalém) não têm sua romaria por acabada e perfeita, ainda que a fazem com muito trabalho e perigo, por causa dos grandes desertos que passam, senam visitam tambem esta santa sepultura da Virgem gloriosa nossa Senhora, a qual elles confessam ser virgem no corpo e na alma, antes do parto, no parto, e depois do parto. Acerca da devoção que os Mouros e Turcos têm a esta Senhora, muitas mil vezes bendita, pudera escrever muitas cousas que vi, as quaes deixo por me não mostrar historiador, e as poucas que digo, queira Deus, que com as dizer esperte a frieza de alguns indevotos, para que se movam a desejarem de visitar tão santíssimos lugares, pois a jornada não hé tão comprida e áspera, como muitos imaginam» (56).

A grande veneração dos muçulmanos à Assunção da Virgem é concretizada ainda num curioso diálogo entre Fr. Pantaleão e um

(56) C. XLV, pp. 269-270. Junto do adro da igreja da Assunção existe uma sepultura grande e elevada, muito reverenciada dos mouros e turcos. Diz Fr. Pantaleão que nunca se lhe ofereceu saber que sepultura era, mas os cristãos da terra são de opinião que é de algum turco poderoso ou de algum «caciz» santão (p. 267).

mouro que ele encontrou quando um dia se dirigia ao Monte das Oliveiras. Este mouro fora cativo em Portugal e assim falava um português amouriscado. Acerca do diálogo no respeitante à estadia em Portugal falaremos noutra parte do nosso trabalho. Aqui vamos referir o que se relaciona com a devoção à Virgem. Diz Fr. Pantaleão que já no Vale de Josafá, o mouro começou a encaminhar-se para o sepulcro de Nossa Senhora, tendo beijado o chão à entrada da igreja, tirado os sapatos, chorado, e beijado a sagrada sepultura da Virgem, etc. Lê-se assim: «E com estas práticas chegamos até o Valle de Josaphat. Tanto que entramos nelle, o Mouro começou de encaminhar o sepulcro da Virgem N. Senhora, e chegando à porta da Igreja beijou a terra, tirando primeiro os sapatos dos pés, e com lágrimas e mostras de muita devoção entrou nella descalço, e foi beijando todos os degráos até baixo, que são quarenta e seis. Chegando á Capella aonde está a sagrada sepultura da Virgem N. S. com muitas lágrimas e soluços a beijou muitas vezes, o que causou em mim grande admiração, vendo em hum Mouro tanto fervor, e vendo-me com tanta tibieza, que nenhuma cousa me moviam lágrimas que elle derramava, ainda que com muita confiança em seu Deos, que mais aceita lhe seria minha frieza, que o fervor do Mouro» (57).

III. COSTUMES E TRADIÇÕES ÁRABES

Ao longo do «Itinerário» Fr. Pantaleão faz frequentes alusões a costumes e tradições árabes que ele observou e soube registar com o devido cuidado para elucidação dos leitores. Temos assim a possibilidade de conhecer bastante da vida e costumes dos árabes daquela época pelas preciosas informações que encontramos na sua obra. Veremos apenas as mais relevantes pois seria impossível estar a considerá-las todas, aliás, já nas páginas anteriores apareceram bastantes.

1. OS ÁRABES E OS ALIMENTOS: Ao pensarem, em Chipre, nos provimentos a levar para a Terra Santa, o P. Bonifácio manda que se munam de tudo aquilo que considera indispensável para a estadia que lá vão ter. E a propósito, diz Fr. Pantaleão que os mouros não sabem o que é toucinho, nem queijo e coisas semelhantes:... «porque os Mouros não sabem que cousa hé toucinho nem queijo e cousas semelhantes» (58).

(57) C. XLII, pp. 254-255.

(58) C. XV, p. 75.

Ao chegarem a Jafo, os frades depois de darem graças a Deus por terem alcançado a Terra Santa, têm o ensejo de conhecer o peixe que ali se come. O filho do genizaro safu com a sua tarrafa e apanhou grande quantidade de peixe, especialmente tainhas e choupas e uma grande corvina. Nota, contudo, Fr. Pantaleão que apesar de haver muito peixe naquelas paragens, poucas vezes pescam. A razão, acrescenta, é que os mouros naquelas paragens poucas vezes comem; comem principalmente carne e, além disso, muitos são do parecer que os peixes são bichos do mar. Depois, dá várias informações acerca da actividade piscatória em Jafo. Diz assim: «...porque os mouros naquellas partes mui poucas vezes o comem; assim porque em todo o tempo comem carne, como por muitos delles serem de opinião que os peixes são bichos do mar» (59).

2. PERIGO DOS ÁRABES: Ao descrever a chegada a Jafo, depois de três dias de viagem de Limassol até lá, Fr. Pantaleão fala da alegria que a todos invadia a alma por se encontrarem já na Terra Santa. Ao desembarcarem, aproximou-se um genizaro que ali morava e estava de guarda daquele porto. Fez-lhe sinal da paz, «sem o qual não nos era lícito sair em terra» (60).

Repousaram e comeram peixe (61), após o que enviaram emissários à cidade de Rama, ou Bamula, ao Lami («que é um turco sobre que ali está o mais tempo para os negócios de importância, que naquelas partes se oferecem»), para que ele lhes mandasse guardas que os acompanhassem e os defendessem dos árabes que costumam descer das montanhas à volta logo que sentem no porto algum navio de cristãos.

Também enviaram recado a Jerusalém, ao vigário do Convento de S. Salvador, para que viesse com o turgimão e guardas que haviam de ir com eles e ainda o necessário de camelos e cavalgaduras.

No dia seguinte chegaram 5 mouros com seus arcos e setas enviados pelo Lami para sua guarda. Contudo, estes mouros, ou por maldade ou por falta de compreensão, opõem-se terminantemente a eles. Chegam mesmo a exigir que voltem a embarcar e que lhes paguem antes de mais o trabalho do seu caminho e só depois sairiam livremente para terra. O genizaro acorre e acode por eles, dizendo que autorizara o desembarque. Nem assim eles se aclamam. Fr. Pantaleão escreve: «Toda esta

(59) C. XVI, p. 79.

(60) C. XVI, p. 78.

(61) C. XVI, p. 80.

canalha avarenta e interesseira, sem verdade, nem piedade, nem temor de Deos: e para sahirem com o que pretendem, fundam toda sua justiça em brados, e em dar muitos fritos sobre cousa, que muitas vezes não peza huma palha» (62).

Detiveram-se em altercações prolongadas com estes mouros durante meio-dia. Fr. Pantaleão dá pormenores acerca deste ponto.

Foi o genizaro, que era húngaro e cristão renegado, que apaziguou os ânimos, tendo eles pago mais qualquer coisa. O genizaro tinha duas mulheres para agradar a turcos e a mouros. A sua vivenda era a renda dos direitos que se pagavam naquele porto, a qual tinha dado o grão-turco por serviços que lhe tinha feito. Além disso, a sua lavoura e outras achegas também foram oferecidas pelo grão turco.

3. A ORAÇÃO DOS ÁRABES: A seguir faz referência à oração do genizaro, descrevendo em pormenor o modo como que a fez: «Mostrava-se este úngaro sobre maneira devoto e ceremoniático no que tocava à sua maldita seita, porque ao tempo que havia de fazer o seu sallá, ou oração (fallando a seu modo) como elles costumam em certas horas do dia, se vinha à praia diante de todos, e depois de se lavar todo (como fazem os mouros) se punha de gíolhos, e, hora de bruços, hora levantando com as mãos e os olhos fitos no Céu, mostrava a seu modo huma apparência de tanta devoção, e parecia tão enlevado, que queria dar a entender outra cousa, mais daquillo que nós bem sabíamos, que elle era perro arrenegado, e fementido, inimigo de toda a verdade» (63).

4. PAGAMENTO DE IMPOSTOS AOS MOUROS: A viagem de Ramá até Jerusalém foi bastante tormentosa, devido ao perigo constante dos árabes. Assediados por salteadores, mais do que uma vez tiveram de pagar dois madins por pessoa (equivalente a 24 réis), mas os mouros exigiram também cafarro das cargas que traziam. Ora, diz Fr. Pantaleão, os frades de S. Francisco não estavam obrigados a pagar cafarros. Escreve o mesmo autor: «Trabalhou o Lami e o Zambelo pelos aquitear com boas palavras, dando-lhe por cada hum de nós dous madins, que são vinte e quatro réis: o que elles não queriam receber, dizendo que também lhe havíamos de pagar cafarro das cargas que trazíamos: ao último, por amor de Zambelo, que lho rogava, ou por temor dos mais, se foram, deixando-nos bem inquietos... Não são obrigados os frades de S. Francisco a pagar estes cafarros, porque o Grão Turco em seus

(62) C. XVI, p. 80.

(63) C. XVI, p. 81.

Reinos os tem feito livres, mas por paz os pagam muitas vezes, aonde não há quem lhes faça justiça» (64).

As constantes alusões ao perigo dos assaltos dos árabes dão-nos uma ideia das dificuldades que havia em chegar às cidades.

Acerca do cafarro, diz que em Castela é costume pagar também um imposto semelhante, a que dão o nome de alcavala. Em Portugal chama-se portagem. Mas os caminhos são livres e não há, por conseguinte, nada que se possa comparar ao cafarro árabe ou à alcavala castelhana (65).

A propósito de Zambelo diz que era um velho árabe, amigo dos frades, «capitão muito principal de algumas companhias de árabes» (66). Vivia numa torre desviada algum tanto da estrada que vai de Ramala a Jerusalém, «no qual lugar affirmam os christãos da terra haver morado em outro tempo o bom ladrão, que com nosso Redemptor foi crucificado» (67). E recorda então que na estrada de Tomar para Coimbra, entre Ceras e Venda do Pereiro, se mostra uma torre à mão direita, «desviada do caminho, na qual dizem que morava hum ladrão, que salteava os caminhantes...» (68).

5. ÓDIO ENTRE TURCOS E MOUROS: Ao falar da população de Jerusalém, diz que vivem lá turcos, mouros, judeus e cristãos de muitas nações.

Os turcos são o grupo mais reduzido, porém são senhores absolutos do que querem, sem haver quem lhes possa ir à mão. A maior parte é constituída por mouros dos que possuíam a terra quando era do sultão e, no tempo que lha tomou o turco, se ficaram com ela como antes. Esta passagem é muito importante para o conhecimento da gente de Jerusalém daquele tempo: «Moram nella turcos, mouros, judeos, e christãos de muitas nações. Os turcos são os menos, porém são senhores absolutos do que querem, sem haver quem lhes possa ir à mão. Os judeos não chegam ordinariamente a seis centos, porque como não têm fazendas na terra, nem ella hé de tratos, sem os quaes elles não podem viver, não se podem nella sustentar, e assi os que na santa cidade moram, comem o que em outras partes ajuntaram, e se lhes falta, tornam-se a recuperar aonde podem, para tomarem a morar aonde dese-

(64) C. XVIII, pp. 95-96.

(65) Ibid., p. 95.

(66) Ibid., p. 95.

(67) Ibid., p. 94.

(68) Ibid., p. 94.

jam acaba faltando-lhes suas esperanças. Os christãos podem ser até dous mil, como em seu lugar direi: os mais são mouros dos que possuíam a terra quando era do Soldão, e no tempo que lha tomou o turco se ficaram nella como antes. Os turcos e mouros têm entre si mortal ódio, e vivem huns com os outros por arte e manha. Os judeos são de todo maltratados e peor vistos. Os christãos pela misericórdia do Senhor Deos são de todos bem vistos e bem tratados, e vivem na terra mais afazentados que os mouros» (69).

6. A MORTE DE UM ABEXIM DO PRESTES JOÃO: Ao descrever o adro da igreja do Santo Sepulcro, refere-se à morte de um Abexim do Prestes João pelos mouros: «...e em huma destas pedras, ou lágeas, estão impressas, como em cera molle, as pégadas ou plantas dos pés de hum Abexim do Prestes João, que naquelle lugar foi queimado dos mouros pola fé de nosso senhor Jesu Christo; o qual teve por bem, que ficassem alli aquelles vestígios, em sinal que lhe era seu martírio aceito» (70).

7. A PORTA DO SANTO SEPULCRO: Diz Fr. Pantaleão que a porta da igreja do Santo Sepulcro está sempre fechada. As chaves e o selo encontram-se nas mãos de três turcos (71).

Ao relatar mais adiante a procissão que se faz na Basílica do Santo Sepulcro quando lá vão os peregrinos de França, diz que se chamam os turcos que têm cuidado de abrir a porta do Santo Sepulcro. Recebem o dinheiro imposto (13 reais por pessoa), inscrevem os peregrinos, etc. No fim, são ainda os turcos que fecham as portas (72).

8. SOBRE MAFAMEDE: Ao descrever a Basílica do Santo Sepulcro, conta um episódio curioso em que um «caciz» que morava perto da igreja incitava os seus dois filhos, Mustafá e Ismael, e seu sobrinho Abcader, a dirigirem palavras irónicas em árabe, italiano e turco a Fr. Pantaleão. Este por sua vez, dizia-lhes que Mafamede era maginão, marfuz, zarbul e cansil que querem dizer louco, mau, cão, porco. Mas, diz, nem por isso se dava o caciz por achado (73).

(69) C. XXI, p. 105.

(70) C. XXII, p. 112.

(71) Ibid., p. 116.

(72) Ibid., p.

(73) C. XXVI, p. 148.

9. **SOBRE OS TURCOS E MOUROS:** Diz a certa altura Fr. Pantaleão que ofereceu aos meninos uns brincos e um abano de papel não muito curioso e que eles foram logo mostrá-los por toda a cidade. E a propósito faz o seguinte comentário: «... e como os turcos e mouros são naturalmente pouco engenhosos e muito grosseiros, foi delles tão estimado, que o andaram mostrando de casa em casa por toda a cidade, como cousa de espanto: e alguns turcos parentes do santão me vinham visitar à fresta da Casa santa, por onde nos metem o necessário, e depois dalli sahí ao mosteiro da cidade» (74).

10. **CONSIDERAÇÃO DOS MOUROS E TURCOS PELOS FRADES:** Ao falar dos latinos, refere-se Fr. Pantaleão à boa convivência que existe entre os frades, mouros e turcos: Diz assim: «São tidos os nossos Frades em muita veneração dos Turcos e Mouros, assim polo permitir nosso Senhor, como por verem quam livres vivem e izentos entre elles de rendas e heranças e outros bens temporaes...» (75).

E já antes aludira à concessão de privilégios por parte do grão-turco aos frades: «...como do Grão Turco que tem dado aos ditos Frades grandes privilégios, cujas firmas são todas feitas com letras de ouro» (76).

11. **ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL E TEMPORAL AOS TURCOS, AOS MOUROS E GENTE NECESSITADA:** Ainda no mesmo capítulo em que trata dos Latinos, e em que dá importantes notícias acerca dos frades menores de S. Francisco, como por exemplo do guardião da Terra Santa; da atribuição do direito de posse por Martinho V dos lugares santos do Monte Sião, Belém, Santo Sepulcro e Nossa Senhora do Vale de Josafat; das esmolas que recebem os frades dos Venesianos, do Cairo, de Alexandria, da Cilícia, de Portugal, etc.; dos capítulos gerais em que são eleitos os guardiães e da sua autoridade — diz também que os frades prestam à gente daquela terra assistência espiritual e temporal: «...e tem cuidado (o guardião) da provisão, não sòmente da espiritual de todos, como bom pastor: mas também da temporal, a qual por ser a terra muito barata, não hé de tanta importância, como são os gastos de cada dia, que por não receberem os santos lugares detrimento de contínuo com dádivas e presentes a Turcos e Mouros, por lhe tapar a boca, e fazendo

(74) C. XXVI, p. 148.

(75) C. XXXIV, p. 177.

(76) Ibid.

muitas liberalidades e esmolas à gente necessitada, que se não podem escusar por sustentar a opinião e grande conta, em que tem naquellas partes a nação Latina» (77).

12. OS MOUROS COMEM NO CHÃO E ENTRAM DESCALÇOS NOS LUGARES SAGRADOS: Ao descrever o lugar do martírio de Santiago Maior, filho de Zebedeu, onde os Arménios têm agora o seu bairro, diz que ali almoçou no dia da festa do santo com outros frades da sua Ordem. O P. Bonifácio que também se encontrava presente aceita o convite mas põe como condição não comer no chão «como elles costumavam, seguindo no tal costume aos Mouros e Turcos...» (78).

Um dia visitou com um «caciz» uma sinagoga judaica. Antes de entrar, porém, o caciz descalçou-se, deixando os sapatos à porta. Fr. Pantaleão perguntou-lhe por que o fazia, ao que ele respondeu: «que aquella casa era dedicada a Deos, e era costume dos Mouros, sempre nos taes lugares entrarem descalços por reverência, quer fossem de mouros, quer de Christãos, ou Judeos» (79).

13. DIÁLOGO COM UM MOURO. A POPULAÇÃO DE JERUSALÉM: A caminho do Monte das Oliveiras na companhia dum mouro, natural de Azamor, que estivera cativo em Tavira, em casa de D. António de Noronha, travou-se entre ambos um diálogo cheio de interesse.

Disse-lhe o mouro que Jerusalém e a sua comarca era um vaso de ouro cheio de serpentes pelo facto de a terra ser santíssima e digna de ser estimada mas que a gente era péssima: «...e que se podia com muita razão chamar vaso de ouro Hierusalem e seu termo, por ser pátria de tantos Profetas, Reis Santos, e homens santificados, mas a gente são demónios e serpentes infernais (80). Fr. Pantaleão confirma, dizendo que, tirando alguns poucos christãos arménios e Indianos e Caloiros gregos, toda a outra gente «é como indómite e de condição perversa, os Cristãos todos são scismáticos e inimigos da Igreja Romana, cheios de infernos e opiniões falsas: os Judeos como lhes faltam tratos occupam-se em medicinas, os Turcos vivem como gente sem lei e sem Rei, porque absolutamente se querem fazer senhores de quanto vem, e cobiçam, e sem terdes para quem appellar, por estar a Corte mui

(77) C. XXXIV, p. 179.

(78) C. XII, p. 224.

(79) C. XLIII, pp. 259-260.

(80) C. XLII, p. 255.

longe: e os Mouros como são avexados dos Turcos, já mais acha entre elles verdade nem fidelidade» (81).

Fr. Pantaleão perguntou-lhe a seguir o que sentia da sua religião e quanto duraria. Ele respondeu-lhe, dizendo, que «sabido tinham os mouros, e a diziam os seus letrados, que a sua lei estava já no cabo, e que não poderia durar quarenta annos: mas que dalli adiante me não sabia dizer, nem elles se sabiam determinar em que lei haviam de viver» (82).

14. OS MOUROS DE BELÉM: Falando da população de Belém, diz que são tantos os casais dos cristãos como os dos mouros, gente pobre e miserável, em especial os últimos (83).

Diz também que os cristãos receberam dos mouros muitas superstições.

No vestir não há diferença entre os mouros e os cristãos, a não ser que os primeiros trazem uma pequena seixa na cabeça; a dos cristãos é listrada.

Os cristãos vivem melhor do que os mouros porque se entregam à lavoura, semeiam muito trigo e têm muitas e boas vinhas. De ordinário, os mouros servem os cristãos, lavrando-lhes as terras e guardando-lhes o gado e fazendo outros serviços.

No vestir não andam uns melhor que os outros (84).

15. MEDO DOS ÁRABES: Ao discutirem o itinerário a seguir em direcção ao Monte da Quarentena, um árabe chama a atenção para o perigo que constituem os árabes naquela região: «O Árabe não lhe pareceo bem, e respondeo ao Abade desta maneira: Espanto-me de ti, Abbade Cali, seres homem de tanta experiência neste caminho, e teres um parecer tão mal acertado. Não sabes tu, que junto ao Mar Morto, quasi sempre andam Árabes, e se nos encontrarem, o menos que nos farão, hé tomarem-nos o mantimento, sem o qual não poderemos ir mais por diante? Vamos primeiro à Quarentena, e depois ao Jordão, porque são lugares aonde os Árabes não costumam ir tantas vezes neste tempo, de maneira que quando chegarmos ao Mar Morto, levaremos tão pouco mantimento, que nos não irá em que no lo tomem, porque tere-

(81) C. XLII, pp. 255-256.

(82) C. XLII, p. 256.

(83) C. L, p. 311.

(84) Ibid., p. 312.

mos a casa perto...» (85). E continua a descrição da viagem para o Monte da Tentação.

16. O MAR MORTO: Falando das características do Mar Morto, refere-se também ao pez arábico que sai de poços cada dois anos e que é muito procurado. Os árabes vão furtá-lo sempre que podem e vendem-no aos cristãos da terra que têm negócios no Egipto e na Síria: «... mas os Árabes não deixam de furtar todo o que podem e o vendem aos Christãos da terra que tratam no Egipto e Síria» (86).

17. PERIGO DOS ÁRABES EM ENGADI: Ao referir-se a Engadi, diz que não há perigo de animais; o único perigo é dos árabes, «a quem os ditos dous Padres chamam Biduinos, que já que lhe não acertavam com o nome, melhor lhe chamárão Madianitas, pois todos vivem pelos campos em tendas. E ainda estes Árabes naquella parte são mais domésticos com os Christãos moradores da terra, pela contínua comunicação com elles, sendo a lingoagem toda huma» (87).

18. OS CASAMENTOS ÁRABES: Durante a viagem do Mar Morto para S. Sabas, os frades assistiram a um casamento árabe. Cincoenta árabes empunhavam seus arcos à maneira de quem está para entrar em luta. A noiva estava no meio. Os frades tocaram-lhe na mão para que nada de mal lhes acontecesse.

Finalmente, os dois árabes que pretendiam a noiva lutaram um com o outro. O que perdeu a contenda, deu-lhe duas grandes peles de camelo, uma para nela comerem os noivos e a outra para dormirem; ao noivo deu um arco formoso e uma dúzia de setas; no fim abraçaram-se.

Perguntaram ao árabe que os acompanhava se todos os casamentos árabes se celebravam daquele modo, e ele disse que só no caso de serem cabeças de aduares os noivos. Lê-se no texto: «Perguntaram ao nosso Árabe se todos se casávaõ daqella maneira; disse-nos, que sòmente aquelles que eram cabeças dos aduares» (88).

Ao despedirem-se, voltaram a tocar a mão da noiva e o noivo perguntou-lhes se desejavam que lhes concedesse um guarda que os acompanhasse: «Tornámos a tocar a mão à noiva, e nos partimos, perguntan-

(85) C. LXII, p. 376.

(86) C. LXVII, p. 398.

(87) C. LXVIII, p. 404.

(88) C. LXIX, p. 407.

do-nos o noivo, se queríamos guarda, o que lhe agradecemos, dizendo que perto tínhamos a pousada» (89).

19. HONESTIDADE DOS ÁRABES: No capítulo LXIX um cristão de Belém traiu os frades. O árabe que os acompanhava dissera à noiva que eles eram caloiros de S. Sabas. Mas depois o tal cristão de Belém descobriu ao árabe que não eram caloiros como o abade Cali lhe tinha dito, mas sim francos.

É então no capítulo seguinte que se fala da descoberta da traição do cristão de Belém, pondo-se em evidência a honestidade dos árabes.

Logo no início do capítulo LXX, onde se situa esta passagem, diz Fr. Pantaleão que os frades foram bem recebidos pelos árabes do aduar: «Chegados ao aduar dos Arabes fomos delles recebidos com muito gasalhado, e a mulher do nosso Árabe nos acodio logo com água muito fria, que era a melhor iguaria que naquelle tempo nos pudera dar, posto que no la deu em hum vaso de pao em que ordenhava as camellas, com sarro de leite de redor: mas a sede ficou satisfeita» (90).

Depois, diz que o tal árabe levou o abade Cali para um outro lugar fora da sua casa onde já estavam outros árabes mais velhos e diante deles lhe fez uma prédica bastante dura, censurando-o veementemente por o ter enganado, dizendo que se tratava de caloiros quando afinal era cristãos francos: «Abbate Caly, muitos anos há que tu conheces os Arabes, e os trata, e elles a ti, sem nunca entre nós se achar falsidade nem engano nem se achará, pois os Arabes temos opinião e trazemos por prática sermos leaes nas amisades e guardarmos com verdade a fé a quem no la guarda. Tu não sei com que ânimo me quisestes enganar, sem to eu merecer, querendo à minha conta de todos os Arabes zombar e escarnecer, assim também o fomos no entendimento. Mandaste-me chamar com grande pressa, dizendo que eram vindos huns Caloiros de Cândia grandes teus amigos e devotos, e que os querias levar ao Jordão e a outros lugares, aonde os Christãos costumais ir a vossas romarias, para que eu vos acompanhasse, e por amor delles e teu, a todo o perigo me puzeste: como te tinha por amigo e sempre te fui affeiçoado, não fui em acodir a teu chamado peguiçoso, e tu em pago desta vontade, e em satisfação destes desejos, em lugar de Caloiros, levaste-me por guarda de Christãos Francos, os quaes pelo engano que me foi feito, ficam todos três mais cativos: mas eu não quero usar do

(89) Ibid., p. 407.

(90) C. LXX, p. 408.

meu direito nem seguir o estilo que se tem em semelhantes negócios: pelo que faço livres a dous delles, e a outro que sei muito bem ser o Guardiã de Belem, ou há de ficar meu escravo, ou se há de resgatar por muito bom dinheiro: e ainda por amor de ti serei no preço moderado» (91).

Nesta altura, o abade Cali defende-se de tal acusação.

Depois, o árabe exige 200 saquins de ouro como resgate por um dos religiosos. Os outros árabes mais apaziguadores tentaram diminuir o preço para 100, 50 e menos saquins.

O árabe veio buscar a casa uma corda para prender o companheiro de Fr. Pantaleão. Entretanto, o abade Cali começou a gritar, dizendo que os árabes já tinham perdido a fé e a lealdade e que neles não havia já verdade, nem amizade e que dali em diante os Caloiros os haviam de ter por contrários e mortais inimigos.

Então aparece um árabe que deu umas punhadas noutro árabe, soltando o religioso. E disse: «Bem, esta hé a verdade dos Árabes, esta hé a Fé que guardam a quem se fia delles? isto permittis vós que se faça diante vossos olhos a hum Caloiro de Santo Sabbá? e dizendo muitas cousas destas, os metteo a todos em confusão e vergonha» (92).

E esta cena um tanto dramática termina assim: «O Abbade Caly vendo isto às boas, e deo ao Abade cinco ou seis madins mais do que lhe promettera, e feitos todos amigos, nos pedio perdão, dizendo que outrem tinha a culpa daquella desgraça, e não elle, o que dizia pelo Christão de Belém, que nos fora traidor, e vendo-nos livres daquelle enfadamento, demos muitas graças a nosso Senhor» (93).

20. A QUESTÃO COM O GUARDIÃO POR CAUSA DO LEVANTAMENTO DUM MURO: O governador de Jerusalém estava um dia perto de Gabão. A ele mandaram os «cacizes» e santões da Cidade Santa uma embaixada, queixando-se que os frades em sinal de desprezo para com o Templo haviam levantado um muro perto da sua casa que parecia ser um sumptuoso edificio feito em favor dos cristãos como afronta aos mouros e à sua lei. Tal, contudo, não correspondia à verdade. Eles tinham, de facto, levantado um pedaço de parede com licença do governador.

O embaixador mandou dois genizaros para chamarem o guardião.

No dia seguinte lá foi o guardião com Fr. Pantaleão mais os dois

(91) C. LXX, pp. 408-409.

(92) Ibid., p. 412.

(93) Ibid., p. 412.

genizaros (os que o tinham vindo chamar) e outro que tinham em casa para servir de guarda e ainda o turgimão Jacob e outros quatro homens. E levaram um bom presente para o governador.

O governador encontrava-se na alpendorada de uma tenda rica, sentado numa alcatifa de elevado preço, com ceroulas de seda, descalço, e junto de si os principais de sua casa com os «cacizes» embaixadores igualmente sentados em alcatifas.

Apenas foram sentidos pelo sanlaco (nome dado à dignidade dos governadores entre turcos e mouros), este mandou-os logo vir junto de si.

Foi cordial o encontro entre o governador e o guardião. Aquele favorecia muito aos religiosos e até chamava ao guardião parente o que, talvez, diz Fr. Pantaleão, se devesse ao facto de ambos provirem da mesma região, a Eslavónia.

O diálogo fez-se por meio do intérprete, o turgimão. Tudo acabou em bem. Disse-lhe assim o governador à despedida: «Vai-te embora parente, e tem tento na bolsa, que estes perros queriam comer; mas está seguro, que eu te ajudarei: O Padre Guardiãõ lhe deu os agradecimentos, e feita nossas inclinações a elle e aos outros, nos despedimos (94).

O Padre guardião agradeceu as palavras amáveis do governador e lá se partiram para Silo, onde estava a Arca no tempo de Josué.

21. EM EMAÚS. OS MOUROS E OS FRADES: Junto da igreja arruinada de Emaús, que recorda o encontro de Jesus com os dois discípulos dali, vivem uns mouros que não causam qualquer transtorno aos frades quando estes lá vão. Até ajudam a fazer a limpeza deste lugar (95).

22. VIAGEM DE JERUSALÉM A SICAR. PERIGO DOS ÁRABES: Por mais do que uma vez o refere a Fr. Pantaleão ao perigo dos árabes no decorrer daquela viagem. Foram sempre acompanhados para enfrentar tais dificuldades. Escreve assim Fr. Pantaleão: «... porque fóra das Cidades e povoações grandes, aonde nos têm respeito, não sòmente os Árabes, mas qualquer Mourinho tem poder para vos afrontar, se lhe não dais o que pedem e querem: e como se os agravaes, defendendo-vos, haveis de levar a peor, porque acodem uns pelos outros, sem

(94) C. LXXIII, p. 423.

(95) C. LXXIV, p. 426.

razão, nem justiça, e sofrem muito mal em suas terras o menor agravo da vida, pelo que convém aonde vos não conhecem, levar sempre boa guarda...» (96).

E a propósito conta que um dia, indo de Belém para Jerusalém, foi atacado por dois árabes, o mesmo lhe tendo acontecido na própria Cidade Santa. Quer dizer, Fr. Pantaleão põe em evidência mais uma vez o enorme perigo que constitui andar só naquelas terras.

Os próprios mouros que os acompanhavam nesta deslocação a Sicar, como guardas, a certa altura da viagem começaram a exigir o pagamento do dinheiro pelo seu trabalho, o que originou viva discussão entre os almocreves dos frades e eles.

23. AS MANDRÁGORAS: A caminho de Sicar passaram por Biro e Cingil. Esta última terra é o lugar mais no extremo da Judeia, a umas oito léguas de Jerusalém.

Ao longo do percurso notaram que havia muitas mandrágoras, «plantas que têm as folhas como acelgas bravas mas maiores e mais largas, paradas no chão, e hum verde escuro melancolizado. A planta hé alta hum côvado, há huns pomos como maçãs amarellas de fóra, como açafroados e vasios de dentro». Quanto à sua aplicação, diz-nos Fr. Pantaleão: «Disseram-nos os almocreves que os Mourros se serviam dellas para muitas mésinhas: e que dando as queriam arrancar escarvavam primeiro a planta por de redor sem tocar nella: e depois lhe lançavam hum laço de huma corda e atavam na outra ponta hum cão, ao qual acenando com pão, e elle correndo ao tomar, arrancava a mandrágora: mas que o cão quasi sempe morria do vapor pestífero que da raiz se levantava. Bem desejei trazer huma raiz por curiosidade, mas como não havia modo, não ficou meu desejo satisfeito. Fiz aqui memória das mandrágoras, offeredendo-se occasião para isso, lembrando-me que também a Divina Escritura faz memória dellas no Génesis e nos Cânticos» (97).

24. O QUE É UM CÃO OU CAMLEBÃO: Em Sicar foram alojar-se num cão ou camlebão, situado fora da cidade, onde ficaram mal instalados dado o grande número de pessoas que lá se encontravam. Fr. Pantaleão diz então o que é um cão: «...o qual camlebão, asi chamado na língoa Arábica, hé huma casa muito grande commum a toda a pes-

(96) C. LXXVIII, p. 441.

(97) C. LXXVIII, p. 444.

soa, que nella se quer agasalhar, e deste há duas differenças, os que estão dentro nas Cidades e lugares grandes são como Mosteiros com muitas casas e câmaras: os que estão pelos caminhos e fora das Cidades, como este de Sihar, são sòmente huma casa grande, de paredes muito altas e fortes: e por dentro de todas as quatro partes vão arcos também muito altos e abobedados, e entre arco e arco debaixo daquellas abóbedas se recolhe gente, que ali vai pousar, e o vão do meio dia descuberto; e tem o tal camlebão suas portas muito fortes, que à noite se fecham, e cada meia jornada quais por toda Turquia achais hum destes, para seguramente se poderem os caminhantes agasalhar de noite: e podem-se recolher dentro em cada hum cento e mais pessoas, e entre arco e arco podem caber huma dúzia de companheiros e fazer seu fogo se quizerem. Os que aqui se aposentam, sejam Christãos, Judeos, Mouros ou Gentios, não têm obrigação de paga alguma. Estas casas desta maneira mandam-nas fazer Mouros ricos, e dizem que por suas almas, para que na outra vida achem quem lhe faça bem: e ainda dentro pela Turquia me affirmaram haver muitos hospícios destes, nos quaes vos dão pão, água, mel, e outras semelhantes cousas, tudo de graça; e do caminho que vai de Judea para Egipto, naquelles asperfissimos areaes, cada jornada tendes pousada daquella maneira, e com vos darem água, quanta quizerdes: e não sòmente deram nisto muitos Mouros ricos e nobres; mas muitos em sua vida compram casas, vinhas e herdades, para que depois de sua morte as possua o commum do povo: e alguns que deixam renda, para se manterem os gatos e outros que que deixam cada anno dous e três alqueires de mel por suas almas, para comerem as moscas» (98).

Ainda ao falar de Sihar nos diz como trajavam os judeus, os turcos e os mouros quanto ao turbante: «Os Judeos trazem o turbão amarello, o Turco e Mouro branco, como já outra vez cuidoo que fica dito. Alguns Mouros trazem o turbão preto, por mostrarem que foram em romaria á casa de Meca, e querem que os tenham em conta de devotos, e seu testemunho vale por dous ou três testemunhos: outros há que trazem o turbão verde, no que mostrm descender da geração de Mafamede ou que suas mãis os pariram indo ou vindo da casa de Meca: e estes taes por arrogância se chamam filhos de Mafamede» (99). Como se vê, é uma indicação muito curiosa das diversas cores de turbante em uso pelos muçulmanos.

(98) C. LXXVIII, pp. 445-446.

(99) C. LXXIX, pp. 455-456.

25. AMOR DOS TURCOS E MOUROS AOS POBRES: Uma senhora turca que acompanhava os frades mostrou ter grande amor a um pobre, roto e descalço, sem nada na cabeça (mas com uma grande grenha), o que ela fazia para mostrar a sua religiosidade. E a este propósito, comenta Fr. Pantaleão: «...porque aos taes têm os Turcos e Mouros por grandes santos e desprezadores do mundo...» (100). A turca vinha de Jerusalém, onde havia visitado alguns lugares santos, como o Santo Sepulcro de Nossa Senhora do Vale de Josafá. E continua, referindo-se aos bons sentimentos dos turcos e mouros para com os pobres: «...porque de toda a nação de Turcos e Mouros são tidos os pobres em grande veneração e lhe chamam mensageiros de Deos que andam peregrinando pelo mundo: porque ainda que a gente commum dos Mouros pela maior parte viva pobre e miseravelmente, sejam de pouco comer e mal vestir, em especial aonde moram entre Turcos, em tanto que como já em outro capítulo disse, em muitas partes de Palestina elles servem aos Christãos de lhe cultivar as vinhas e sementeiras, e lhe guardam os seus bois e gado: com tudo, nenhum delles anda pedindo pelas portas, como cá na nossa Europa, antes todos trabalham em qualquer serviço ou podem, e os que de todo são impedidos por causa de cegueira, ou outra aleijam enfermidade, ou fraqueza, os hospitais os sustentam, que os há muitos, pois são tão piedosos, que quasi as Cidades principaes há hospital para gatos, quanto mais para homens e mulheres; e desta maneira carecendo da contínua importunação dos pobres da terra, estimam muito e têm por santos aquelles que andam peregrinando pelo mundo, como menos presadores das cousas da terra: os quaes são tão poucos, que não me acordo em todo tempo que naquellas partes andei, haver visto mais que quatro até cinco» (101).

26. BOA RECEPÇÃO DOS MOUROS: A caminho de Caná da Galileia, precisamente no lugar onde Jesus sarou os 10 leprosos, passaram a noite. Queriam, porém, ficar junto a uma fonte situada no próprio sítio da cura. Mas foram avisados que ali podia ser perigoso «porque nunca falta gente roím que sempre anda buscando em que empecer aos estrangeiros, assim dos da terra, como de alguns Mouros mal inclinados da mesma companhia, que de noite nos podiam meter em algum enfadamento; e nos mandou recolher em huns pardieiros meios derrubados junto da sua tenda» (102).

(100) C. LXXX, p. 460.

(101) C. LXXX, pp 460-461.

(102) C. LXXXI, p. 462.

Tendo-se mudado para lá, vieram então ter com eles dois mouros velhos da parte do turco, sobrinho do Baxá, que veio pedir desculpa do que lhes havia sucedido pelo caminho e prometendo ajudá-los dali em diante: «Estando nós alli metidos, quasi huns sobre outros, por sermos muitos e o lugar pequeno, posto que os almocreves ficaram de fora com as cavalgadas: vieram já com huma hora de noite dous Mouros Turco, velhos e graves, e muito bem tratados, e nos visitaram da parte do sobrinho do Baxá dizendo que estava muito agastado do enfadamento que tiveramos no caminho: e que o tomava à sua conta, pois fora por seu descuido: posto que os seus criados lhe diziam que os que nos offenderam ficaram bem castigados e feridos. Porém que dalli por diante, elle mandaria os seus, que nos levassem entre si e dessem entender à companhia, que híamos à sua conta e que lhe mandássemos dizer se tínhamos necessidade de alguma cousa» (103).

Descreve depois a amável recepção que o turco lhes fez. Também o «caciz», secretário da turca e os outros convidados lhes dispensaram os maiores carinhos. Fr. Pantaleão diz, a terminar, que deram muitas graças a Nosso Senhor por ter dado tão grande virtude ao vinho. Isto para lembrar que foi devido à oferta dum barril de vinho que se criara aquele ambiente de grande alegria.

27. EM CANÁ DA GALILEIA: Diz Fr. Pantaleão que Caná é uma aldeia de cristãos e mouros e que a terra é já segura quanto ao perigo dos árabes, e eles, os frades, olhados e tratados melhor por turcos e mouros. A caminho do Mar da Galileia começaram a tirar dos seus farnéis queijo, passas, alhos e cebolas de que os turcos e mouros se pagam (104).

28. ÓDIO AOS CRISTÃOS: A caminho de Damasco deu-se um episódio desagradável: um «caciz» velho começou a pregar a maldita seita de Mafamede repreendendo o chaus por andar em companhia dos frades, «sendo nós huns porcos inimigos de Mafamede. E vendo que o chaus fazia pouca conta das suas palavras nem se dava por achado dellas, tirou hum delles de hum taleigo huma cobra muito grande, grossa e fea, e começou de lhe fazer medo com ella: O chaus se agastou sobre maneira, e se levantou com muita ira, e lançando mão de hum pao lhe disse: Sabes tu como vai, dum cão, tomarei a cobra que tu trazes encan-

(103) Ibid., pp. 462-463.

(104) C. LXXXII, p. 471.

tada como feiticeiro que és, e quebrar-te-hei a cabeça com ella: tu cão cuidas, que sou eu minino, que me hás de fazer bocos com tuas feitiçarias? Vendo os «Cacizes» o Chaus agastado daquella maneira e os seus em pé com os alfanges á ilharga, lançaram a fugir com muita pressa. Elles hidos, o Chaus nos disse que não temêssemos cousa alguma em sua companhia, porque elle cumpriria à risca o que nos tinha promettido, levando-nos mui seguros até Damasco. E acrescentou mais, dizendo: Estes perros dos nossos «Cacizes» tudo são feitiçarias, senão fora por vos dar turbação, sabeí que mo houveram muito bem de pagar» (105).

Depois prossegue a descrição da viagem até Damasco em que foram acompanhados pelo chaus, com o qual mantiveram sempre as melhores relações. A certa altura, diz que o chaus pediu a um seu criado que lhe desse de beber, tendo este utilizado para tirar a água do ribeiro «huma bolsa de couro que os Turcos costumam trazer por caminho, e lhe serve de jarro» (106).

Já perto de Damasco houve novamente dificuldades com alguns mouros que andavam a trabalhar no campo, os quais pediram cafarro com certa importunação, chegando mesmo a haver luta entre eles e os frades. Contudo, Fr. Pantaleão e outros que se mantiveram sempre na companhia do chaus não vieram a sofrer nada: «Nós seguindo sempre o Chaus chegámos com elle até as portas da cidade, aonde com muita cortesia se despedio de nos, convidando-nos a que fôssemos pousar com elle, do que lhe demos muitos agradecimentos» (107).

29. EM DAMASCO: Ao descrever a chegada à cidade de Damasco, diz Fr. Pantaleão que tiveram de pagar o cafarro estipulado: «Pagámos nós também nosso cafarro, que foi hum madim sòmente por pessoa como pagaram nossos companheiros: o qual arrecadava hum Turco todo branco de velhice, mas a mais fermosa e venerável pessoa do homem que tenho visto, de que lhe vinha ser sobre maneira amoroso, e bem criado» (108).

30. O CÃO DE DAMASCO: Em Damasco descansaram no cão da cidade, que Fr. Pantaleão descreve em pormenor: «Este cão, em que na Cidade de Damasco descansámos, era como huns paços reaes, com

(105) C. LXXXV, pp. 489-490.

(106) Ibid., p. 490.

(107) Ibid., p. 491.

(108) C. LXXXVI, p. 493.

muita quantidade de casas e aposentos, todas muito bem forradas e fechadas com suas chaves mouriscas. No baixo tinha huma claustra mui grande e no meio della fonte de mármore muito fermosa, curiosa e de boa água. Tinham cuidado destes aposentos certos Mouros com renda e prémio, com que se sustenta o cão ou camleão: ainda que sempre convém dar alguma cousa aos que vos entregam a pousada para que mostrem bom repasto aos hóspedes: mas o que lhe dais tomam às escondidas porque têm pelo tomarem muita pena. Trabalham elles por terem sempre mui limpos aquelles aposentos, e no verão os régão muitas vezes para recreação dos passageiros: porque a o não fazerem assim, têm quem attente por isso, e sentem-se na paga» (109).

E, continuando a falar do cão de Damasco, estabelece um paralelo entre as estalagens da Europa e aquelas pousadas orientais: «Não se deve ter por pequena humanidade achardes entre infieis pousada certa e segura, e mais em huma Cidade tão populosa, sem pagardes mais por ella que seja por amor de Deos: e não como nossa Europa aonde entráis em estalagens que vos levam, como dizem, couro e cabelo: sem vos satisfazerdes de comida senão com esgotardes a bolsa: e se vos há de tomar a noite nellas, pela manhã vos achais comidos das cinches, e cubertos de pulgas e piolhos, e às vezes com as bolsas cortadas e as carnes para muito tempo enfermam da sujidade das camas. Aqui nestas não há nenhuma cousa destas, o comer mandai-lo buscar à praça: aonde o achais de qualquer sorte que quereis, fresco e barato, sem enfadamento» (110).

31. RESPEITO DOS MOUROS AOS CEGOS E ALEIJADOS: Observa Fr. Pantaleão que os turcos e os mouros não toleram que se lance um olhar de desprezo aos cegos e aleijados. Dizem eles que isso é obra de Deus e que devemos louvá-Lo por não termos sido sujeitos a tais doenças.

Igualmente respeitam os justiciados, olhando-os piedosamente e nunca escarnecendo deles. Diz assim o texto: «Cousa há de muito de notar naquellas partes entre Turcos e Mouros, que em nenhuma maneira sofrem olhardes com mãos olhos ao cego ou aleijado, de qualquer aleijão que seja, nem ao leproso, ou taes as havemos de olhar e louvá-lo, vendo-nos livres dellas. E não sòmente com os taes, mas ainda com aquelles que por suas culpas são justiciados, vos convém olhá-los pie-

(109) C. LXXXVI, pp. 494-495.

(110) Ibid., p. 495.

dosamente e não cospir, nem rir, nem falar palavra, em que se entenda de vós que escarneceis do tal paciente: porque vos há-de custar muito caro» (111).

32. RESPEITO AOS FRADES POR PARTE DOS MOUROS DE BEIRUTE: Falando desta cidade, diz que os mouros de lá têm os frades em grande conta, chamando-os até para que os abençoem nas suas enfermidades e indo buscar água ao poço do convento e dizendo que de noite observam coisas miraculosas sobre a sua casa. Escreve Fr. Pantaleão: «Os Mouros daquela Cidade têm tanto acatamento e reverência aos nossos Frades, como lha têm no mais devoto povo de Hespanha: e tanto, que como adoecem logo mandam buscar os Frades que os benzam, e para o mesmo effeito lhe trazem muitas vezes os mininos ao Convento, e sendo a água da Cidade muito melhor que a do Convento, em suas enfermidades não querem beber senão de hum poço que temos no Mosteiro: e affirmam alguns Mouros com grandes juramentos a seu modo, terem visto algumas horas da noite cousas miraculosas sobre o Convento: do que sòmente Deos sabe a verdade, ao qual seja glória e louvor, porque eu escrevo fielmente o que, estando alli, me affirmáram pessoas dignas de fé... (112).

33. O RIO NAHR EL-KELB: Diz que os mouros chamam a um rio que desce com grande ímpeto do Monte Líbano Narchelb, que quer dizer rio do cão, e acerca do qual contam coisas fabulosas fora de propósito (113).

34. OS BANHOS REAIS DE TRÍPOLI: Diz que a cidade de Trípoli tem uns banhos reais muitos curiosos e com muita limpeza e que servem para os cristãos e mouros. Na frontaria da porta de entrada está uma pedra grande de fino mármore, na qual «está uma imagem muito bem matisada de nossa Senhora com o Menino nos braços» (114).

35. AS SEPULTURAS DOS MOUROS E TURCOS EM TRÍPOLI: Visitou nesta cidade as sepulturas dos mouros e turcos duas vezes e observa que pareciam mais hortos odoríferos do que sepulturas de mortos, por-

(111) C. LXXXVII, pp. 503-504.

(112) C. LXXXIX, p. 515.

(113) C. XC, p. 522.

(114) C. XCI, pp. 533-534.

que em seu redor plantam salvas, mangerona, alecrim, lírios e outras ervas odoríferas, que entre nós não existem (115).

36. OS JEJUNS DOS MOUROS: Ao relatar a viagem que fez ao Monte Líbano, diz que tendo oferecido ao mouro que os acompanhava vinho, este lhes respondeu que não aceitava porque dali a quatro dias começava a sua quaresma. E explicou a seguir que não é mouro cumpridor dos seus deveres, pois bebe vinho todo o ano o que representa falta grave na sua lei. Agora, pois, a poucos dias do seu jejum acha bem começar já a abastecer-se do vinho para que a sua alma esteja mais limpa e mais pronta para jejuar e ser a Deus mais agradável.

A explicação do mouro oferece a Fr. Pantaleão o ensejo de fazer alguns comentários acerca do comportamento de muitos cristãos que não observam as determinações da Igreja.

Os mouros sabendo quão mal os cristãos observam os seus jejuns, inventaram até o seguinte adágio: «O jejum do Christão, três dias mãos para o seu pão: dai-me hoje bem de comer, que hei-de jejuar amanhã, dai-me hoje bem de comer, pois que jejuo, dai-me hoje bem de comer, que jejei hontem» (116).

(115) *Ibd.*, p. 534.

(116) C. XCII, p. 537. Ao descrever a sua passagem por Corfu, a caminho da Terra Santa, fala da circuncisão duma criança judaica e também então aproveita a ocasião para pôr em destaque a solenidade desse acto em comparação com a pobreza de cerimónias e de assistência dos baptizados cristãos: «Vimos alli circuncidar hum menino em casa de seu pai, a cuja circuncisão se ajuntaram mais de cem Judeos, e lembrou-me a pouca solemnidade com que os Christãos levam a baptizar seus filhos, que pela maior parte, se não hé alguma criança, filho de pessoa nobre, não a acompanham, salvo os padrinhos, e quando muito, outras três, ou quatro pessoas, e não sòmente os Judeos, mas também os Mouros, e Turcos nas suas circuncisões fazem grande solenidade, e por nossos peccados, quando levam hum ao Baptismo, há mui poucos, que dêem graças ao Senhor, por haver hum Christão no mundo» (C. IV, p. 16).

